

Milene Bazarim
Aliny de Angelys Silva Lima
Iara Francisca Araújo Cavalcanti
[Orgs.]



janelas para o mundo: crônicas e contos da escola

Andreia Millena Ribeiro Dantas Dias
Arthur da Silva Marculino
Eduardo Meneses Ferreira
Guilherme Dias da Silva
Juliany Lavínia Coutinho Leite
Kalil Fabrício da Silva
Karen Priscila Souza de Carvalho
Luís Gustavo Rodrigues da Silva
Maria Bianca Rodrigues Macedo
Samuel de Sousa Veiga

Janelas para o mundo: crônicas e contos da escola

Milene Bazarim

Aliny de Angelys Silva Lima

Iara Francisca Araújo Cavalcanti

[Organizadoras]

Andreia Millena Ribeiro Dantas Dias

Arthur da Silva Marculino

Eduardo Meneses Ferreira

Guilherme Dias da Silva

Juliany Lavínia Coutinho Leite

Kalil Fabrício da Silva

Karen Priscila Souza de Carvalho

Luís Gustavo Rodrigues da Silva

Maria Bianca Rodrigues Macedo

Samuel de Sousa Veiga

Revisão: Antônio Naéliton do Nascimento

Preparação e diagramação: Joarlan de Sousa Colaço

Capa: Allant Sousa

ISBN: 978-65-81197-09-4

Campina Grande, 2021

*É impressionante o que somos capazes de fazer
por não sabermos que era impossível!*

Apresentação

CRÔNICAS

A felicidade mora na simplicidade

A viagem ao museu de répteis

As pequenas coisas

Jovem, um bicho revoltado?

Lembrança querida

Lembranças da boa infância

O dia inesquecível

O dinheiro compra tudo?

O dinheiro é tudo na vida?

O dinheiro não é tudo!

O dinheiro salva vidas?

O dinheiro, será que é tudo?

O que é mais valioso?

O que uma fofoca pode causar?

Rodoviária

Um ano novo

Um dia de férias

Um trauma da infância

Uma bela boneca

CONTOS

A mochila do coronel
A mochila misteriosa
A suspeita casa do Sr. José
Crime na casa sete
Em busca da cura
Lancheira da sorte
O conto de Spiderwick
O enigma dos óculos
O que havia na mochila
O segredo da família Kindel
O segredo da mochila
O segredo dos irmãos Souza
O sequestro na casa gigante
O sumiço de Chequira
Onde ela foi parar?
Onde está Sofia?
Tinha tudo para dar certo!
Um anjo a mais?

Sobre as organizadoras

Índice por autor

Apresentação

Milene Bazarim

Aliny de Angelys Silva Lima

Iara Francisca Araújo Cavalcanti

A escola não deveria ser um lugar a partir do qual os alunos apenas observam passivamente o mundo como se dele não fizessem parte. Afinal, mesmo diante de uma janela, não está em questão somente o que pode ser visto, mas também tudo o que é preciso ser mobilizado para significar e, por conseguinte, (re)construir o que se enxerga.

Caberia, portanto, aos diversos componentes curriculares escancarar mais janelas para que todos os alunos ampliassem sua visão, bem como se sentissem pertencentes e ativos nesse processo de elaboração de paisagens cada vez mais diversas e complexas.

Não é novidade o compromisso da escola com a formação de cidadãos proficientes na leitura e na produção de textos de diferentes gêneros. É no âmbito do componente curricular de Língua Portuguesa que esse compromisso é enfatizado.

Ler é uma atividade responsiva que transcende a mera contemplação. Ao lermos o mundo ou um texto, nunca somos passivos. A partir do que vemos ou ouvimos, guiados por fragmentos e pistas, mobilizamos nossos conhecimentos e, com isso, coconstruímos cenas, paisagens, opiniões, ou seja, um todo possível. Se, na leitura, já somos sujeitos ativos, na produção, precisamos ser, além disso, criativos. Por isso, produzir textos, sobretudo artístico-literários, é muito mais do que espelhar o real do mundo por meio de linguagens.

Contudo, apesar de sua inegável importância, as práticas escolares, sobretudo as de leitura e produção de textos, nunca estarão imunes a desafios, tensões e até contradições. Nem sempre os textos lidos e produzidos nas aulas de Língua Portuguesa funcionam como janelas por meio das quais os alunos podem mais que apenas espiar o que já existe.

Tradicionalmente, a escola costuma atuar como uma força centrípeta, isto é, ela abarca saberes produzidos em épocas diversas nos diferentes campos de atuação humana. Assim, um dos principais desafios enfrentados diz respeito ao fato de que a escola do presente, simultaneamente, é um espaço para a redenção do passado e para a projeção do futuro.

Ademais, como a escola carrega o fardo de ter que preparar o aluno para atuar diante da diversidade da vida para além de seus muros, as suas práticas precisam contemplar saberes de diferentes naturezas e típicos de instituições e campos muito diversos. Por conseguinte, as práticas escolares, mesmo quando devidamente contextualizadas, sempre serão, de algum modo, ficcionais.

As práticas tipicamente escolares, embora existam, quase sempre estão associadas a uma deficiente reprodução de práticas específicas de outros contextos. Nesse sentido, há uma grande dificuldade da sociedade em reconhecer a escola como uma agência produtora e não somente reprodutora de saberes. Por conta disso, também acabam sendo invisibilizados os seus atores, principalmente professores e alunos.

No que diz respeito especificamente à literatura, por exemplo, sempre coube à escola contemplar textos consagrados de autores ilustres. À vista disso, as discussões costumavam girar em torno da implementação de metodologias que possibilitassem

formar leitores dessas obras literárias canônicas.

No entanto, nas últimas décadas, aconteceram deslocamentos e rupturas. Por causa de resultados de pesquisas, inclusive no âmbito dos estudos de letramento, houve o reconhecimento da necessidade de as práticas de leitura na escola contemplarem não só as obras literárias consagradas, mas também a diversidade de gêneros textuais e, conseqüentemente, de linguagens.

Por um lado, isso abriu a possibilidade para que os gêneros literários não fossem os únicos abordados nas aulas de Língua Portuguesa. Por outro, inegavelmente, reduziu o tempo-espaço escolar destinado à literatura, a qual passou a concorrer com as produções oriundas de outros campos, tais como o da vida cotidiana, o da vida pública e o das práticas de estudo e pesquisa.

Nos dias atuais, portanto, garantir tempo-espaço para apreciação estética passou a ser um desafio para a escola. Além disso, é preciso contemplar obras locais/regionais e contemporâneas de temas emergentes, fugindo um pouco da lógica escolástica e historicizante na qual há espaço unicamente para a leitura dos clássicos do passado. Mais do que a fruição estética, do que a recepção, ainda que de forma crítica, de obras literárias canônicas, nas aulas de Língua Portuguesa, torna-se legítimo possibilitar aos alunos da Educação Básica a experiência de criar textos artístico-literários.

Desse modo, é pertinente e urgente refletirmos sobre como construir oportunidades para que os alunos da Educação Básica se sintam capazes não só de receber (ler), mas também de produzir textos literários, mesmo que sem a maestria dos grandes escritores. Não devemos ignorar que todos os grandes autores de literatura um dia frequentaram os bancos escolares e alguns, apesar das

práticas não muito estimulantes da escola, tornaram-se escritores de sucesso. Todavia, não se trata de advogar para que as aulas de Língua Portuguesa sejam transformadas em “oficinas” fundamentadas apenas em uma concepção instrumental da produção de textos, muitas vezes, restrita à reprodução de algumas técnicas utilizadas por escritores consagrados.

É nesse cenário desafiador que esse livro se insere. Essa obra mostra as paisagens que fomos capazes de coconstruir a partir das janelas abertas nas aulas de Língua Portuguesa. Embora seja algo previsto pelos documentos curriculares que regulamentam o processo de ensino e de aprendizagem, essa obra não deixa de ser transgressora, pois vai na contramão das práticas de produção de texto cristalizadas *no e pelo* letramento escolar.

A prática que culminou na publicação deste volume está vinculada a um projeto de pesquisa sobre o uso de ferramentas digitais na correção de textos feitos por alunos da Educação Básica¹. De forma colaborativa, a pesquisa foi realizada, de abril a setembro de 2021, com uma turma do nono ano do Colégio Moderno João XXIII, que fica em Fagundes-PB.

Tendo em vista as dificuldades inerentes ao contexto da pandemia de Covid-19, seguindo todos os protocolos, o colégio aderiu ao ensino no formato híbrido. Dos 12 alunos da turma, 10 frequentavam as aulas presenciais, as quais ocorreriam diariamente em horário reduzido e sem intervalo. Os demais acompanhavam por meio da internet.

1 Projeto de doutorado “O uso de ferramentas digitais para a correção de textos produzidos por alunos da educação básica: estudo de caso em uma Plataforma Adaptativa”, desenvolvido pela pesquisadora Milene Bazarim, sob orientação da Profª. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.

As duas aulas destinadas à produção de texto aconteciam semanalmente e eram ministradas por uma das organizadoras do livro, a qual assumiu o papel de professora e de pesquisadora. Cabia a ela garantir a articulação entre o que estava sendo abordado nas aulas de produção e o que estava previsto no currículo da escola e contemplado no material didático adotado pelo colégio. Nesse material, o conto era o gênero catalisador a partir do qual seriam abordados, no segundo e terceiro bimestres, os conteúdos referentes aos elementos e à estrutura da narrativa, coesão e coerência, bem como pontuação.

No entanto, a fim de garantir a gradação na aprendizagem, antes de solicitar a produção de conto, enquanto os alunos aprofundavam seus conhecimentos a respeito da constituição desse gênero, foi solicitada a produção de crônicas. Inicialmente, no segundo bimestre, os alunos foram convidados a produzir uma crônica reflexiva, tematizando “o que o dinheiro não pode comprar”. Posteriormente, escreveram uma crônica narrativa retratando um episódio da infância.

Somente no terceiro bimestre, os alunos foram desafiados a produzir contos. A primeira proposta de produção solicitava que fosse construído um enredo no qual uma mochila contendo um segredo desaparecia. A segunda proposta, seguindo essa mesma linha da narrativa de enigma, solicitava que os alunos criassem um conto que contemplasse a seguinte situação: “duas pessoas moram na mesma casa; nenhuma delas usa óculos; pela manhã, uma delas percebe que a outra não está em casa; na mesa do café, estão um maço de jornal e uns óculos; o chá parece ainda estar quente”.

Considerando o contexto de ensino e de aprendizagem na modalidade híbrida, todo o processo de produção e de correção

foi mediado também por tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Os alunos utilizaram o *WhatsApp* para dialogar com as professoras durante o processo de escrita, o qual não ocorria em sala nos 90 minutos da aula presencial. Em média, após a solicitação da produção, os alunos tinham dez dias para escrever o texto, o qual podia ser digitado. Após a produção, o texto era postado em uma Plataforma Adaptativa por meio da qual era feita a correção. Uma vez concluída a correção, o aluno tinha um prazo de oito dias para realizar a reescrita.

Dessa forma, as aulas de Língua Portuguesa abriram janelas a partir das quais tanto as professoras quanto os alunos puderam experienciar a criação de textos dos gêneros artístico-literários crônica e conto. Essa produção, mesmo em contexto escolar, foi realizada de forma colaborativa, sustentada por uma concepção de escrita como uma forma de interação, como processo, como trabalho e não como um dom restrito a poucos privilegiados. Assim, tanto as professoras revisaram a produção dos alunos quanto os alunos tiveram a oportunidade de ler e revisar textos produzidos pelos colegas de turma e pelas professoras.

Para além da reprodução de modelos de escrita engessados e caducos, a despeito das limitações do tempo-espço escolar, foi estimulada a criatividade e, por conseguinte, a emergência do estilo e da autoria de todos os participantes que aceitaram escrever e reescrever seus textos. Apesar de os alunos terem escrito os textos para aprender a escrever, (afinal, em que outra instituição isso ocorreria?), não se perdeu de vista a possibilidade de leitores outros, o que se concretiza com a publicação desse livro.

Com essa publicação, fica evidente que a escola pode atuar também como uma força centrífuga, ou seja, como uma produtora

e não como uma reprodutora de saberes. Todavia, isso só é possível quando professores e alunos atuam como protagonistas.

Isto posto, esperamos que este livro possa funcionar com um estímulo tanto para os professores, especialmente os de Língua Portuguesa, quanto para alunos. E que, por causa da escola, e não apesar dela, novos escritores sejam revelados.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Crônicas

A felicidade mora na simplicidade

Maria Bianca Rodrigues Macedo

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Certa vez, ouvi dizer que “o que tem valor não tem preço”, mas nós raramente paramos para refletir e nos questionarmos sobre coisas valiosas que fazem a vida valer a pena. Aqui, na janela, olhando para o horizonte, lembro de algumas coisas que não têm preço, mas valor.

Um amigo! Ah! Não há coisa melhor neste mundo do que uma amizade verdadeira para dividir os momentos, sejam eles bons ou ruins, para se divertir, aconselhar... Aquele amigo que nas circunstâncias mais difíceis te tira as melhores risadas, porque se preocupa com a sua autoestima e só quer te ver bem.

Um amor! Uma prova de amor verdadeiro percebo nos animais. Neles, vejo um sentimento sincero e puro, construído por meio da confiança e do cuidado. Quando ganhamos esse amor, é mágico! Você não conquista apenas um amigo, mas um companheiro para a vida.

Saúde! Olho para a nossa situação atual e, com a pandemia da COVID-19, vejo que o vírus não escolhe a quem fazer mal. Diariamente, estão nos noticiários vítimas de todos os tipos sociais, ficando claro que tanto cidadãos comuns quanto famosos, desfavorecidos e milionários, estão internados nos hospitais, padecendo e até mesmo chegando a falecer. Nesse caso, alguns

compram leitos, mas não compram a vida.

Analisando aquilo que realmente importa, concludo que nem tudo na vida é dinheiro. Às vezes, ele corrompe as pessoas, trazendo discórdia e injustiça. Quem foi que inventou que a felicidade depende de riquezas e bens materiais? Quero encontrar essa pessoa para discordar dela.

A verdadeira alegria se encontra nas coisas simples, como estar, neste momento, no meu amado Nordeste, sentada à sombra do ipê amarelo, escrevendo esta crônica ao som daquele periquitinho de olhos vermelhos.

A viagem ao Museu de Répteis

Samuel de Sousa Veiga

Ainda me lembro de um dia que foi muito especial em minha vida, simplesmente por causa do meu gosto peculiar pelos animais, mais especificamente, répteis. Nesse dia, fui ao Museu Vivo de Répteis da Caatinga, em Puxinanã, na Paraíba.

Era um belo dia no ano de 2019, estávamos eu e meus amigos estudando na sala de aula quando a professora de Ciências resolveu nos apresentar o seu plano para visitarmos o Museu de Répteis. Seu objetivo era nos mostrar, de forma prática, como são esses animais. Como eu era muito curioso por esses animais, logo aceitei. Assim, a professora marcou o dia de nossa viagem.

No dia da viagem, eu estava bastante ansioso e feliz, pois, finalmente iria ver tais répteis pessoalmente. No período da tarde, estacionou no portão da minha escola, que fica em Fagundes, na Paraíba, o ônibus que nos levou ao museu. Eu e minha turma embarcamos e a viagem começou. Depois de algumas horas de viagem, chegamos ao destino.

De cara, quando entrei, já vi um lugar lindo, muito vivo e, logo de início, recebemos uma minipalestra sobre os répteis. Até que chegou a hora mais esperada, a de ver os animais. Para isso, fomos divididos em dois grupos, ambos com guias diferentes. Começamos a observar os animais e, com isso, os guias nos falavam um pouco mais sobre eles, suas características, região onde vivem, se são perigosos ou não.

Depois de ver tantos animais, como jacarés, crocodilos, diferentes tipos de cobras, finalmente vi uma sucuri, uma cobra coral, uma jararaca e, claro, ouvi o barulho do famoso chocalho

da cascavel. Até mesmo foram mostradas a nós tartarugas, com menção honrosa a uma com mais de 100 anos, que era mais velha do que qualquer pessoa lá.

Por fim, já tínhamos visto todos os répteis e, para fechar com chave de ouro, cada pessoa que queria tirou uma foto com uma cobra branca para ficar registrado o momento. Esse dia acabou sendo muito especial em minha vida e muito marcante para mim.

As pequenas coisas

Luís Gustavo Rodrigues da Silva

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquitinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Ao pensar esses dias, vejo que o dinheiro é importante, mas as coisas imprescindíveis não conseguimos comprar com ele, como a sombra de um ipê amarelo. Nessa pandemia, quantas pessoas ricas estão à beira da morte, mesmo com o melhor médico, no melhor hospital, que são coisas conseguidas pelo dinheiro; a saúde, porém, não se pode comprar.

Somos apenas um pozinho perto de Deus. Viemos ao mundo com bens jamais conseguidos por ninguém aqui na Terra. No entanto, poderemos conquistar alguns bens materiais como casa, carro, propriedades em geral de que iremos desfrutar. Essas, porém, são coisas que só vão definir nossa classe social. Para Deus, continuamos sendo aquele filho igual a todos os outros que dependem dele.

Podemos perceber que, a cada dia, as pessoas estão mais indiferentes umas com as outras, pelo fato de serem de uma classe social melhor. Também estão esquecendo o que é verdadeiramente importante, que é a nossa saúde, família, aquela conversa com os parentes e amigos, pois são as coisas mais simples que fazem toda a diferença na minha e na sua vida.

Concluimos então que, na vida, o que vale não são as coisas materiais, mas sim aquelas que não conseguimos comprando, como o canto daquele periquitinho de olhos vermelhos.

Jovem, um bicho revoltado?²

Milene Bazarim

Tudo começou quando ainda estava dormindo, tendo aquele sonho bom e, na que tudo indicava ser a melhor parte, escutei:

– Vamos levantando, já é hora de acordar. Vamos!

Ai meu Deus, a segunda-feira só estava iniciando. O jeito era levantar, lamentando ter acordado na melhor parte do sonho.

Tropeça no sapato, bate a perna na quina da cama, escorrega no tapete. Chega ao banheiro: escova no chão, pasta de dente aberta, torneira pingando.

– Daiana, foi você quem deixou essa bagunça aqui?

– É claro que não! Quando levantei, já estava assim. Vai ver, foi a vó.

Acabei de acordar e olha como o dia promete!

Quando vou tomar o café da manhã:

– Mãe, cadê o leite?

– Que leite, menina? Lembra que você não gosta de leite?

Ah, já são sete e meia, melhor você se apressar ou vai chegar atrasada no treino.

Até deixei pra lá o café da manhã e fui me arrumar rapidinho. Saí correndo logo a seguir, pois era uma caminhada de aproximadamente meia hora até chegar ao local do treino. Tinha-se a impressão de que eu queria pegar o trem das oito.

Finalmente, chego ao ponto de encontro no ginásio municipal de esportes de Suzano, que fica no centro da cidade, mas

2 Esta crônica foi inicialmente produzida em contexto escolar quando estava cursando a 7ª. série (atual 8º. ano) do Ensino Fundamental. A produção foi revisada em 2021 com a participação dos alunos do 9º. ano do Colégio Moderno João XXIII.

não vejo ninguém da turma. aguardo um momento, logo passa uma funcionária.

– Por favor, não vai ter treino hoje?

– Acho que você está um pouco atrasada, né? O ônibus com sua turma acabou de sair.

Não perco tempo, saio em disparada à procura do ponto de ônibus mais próximo. Sorte minha ter uns trocados no bolso.

Opa, parece que falei cedo demais! Vou chegando, o “busão” vai saindo. Se eu realmente quisesse participar do treino desta segunda-feira, teria que ficar aguardando.

Dez minutos depois, quando outro ônibus vai se aproximando, percebo que está lotado. Diante disso, penso seriamente se não seria melhor voltar pra casa. Não era a perda de um único treino que iria comprometer a minha formação como jogadora de vôlei.

Enquanto pensava, nem percebi que dei o sinal. O motorista parou. A porta de entrada dos passageiros abriu. Hesitei alguns segundos, mas já que estava ali, por que não continuar? Embarquei.

Ao entrar no ônibus, vislumbrei um lugar vazio. Pelo menos isso, não teria que viajar em pé! Só que quando estava prestes a me sentar, surgiu uma senhorinha, nem sei de onde, que me empurrou, ocupou o lugar e ainda me disse:

– Você é novinha, pode muito bem ficar de pé!

– Tudo bem! Só não precisava ter me empurrado.

Perdi uma excelente oportunidade de ficar calada.

Antes de sair de casa, minha mãe estava ouvindo um programa de rádio e eu consegui escutar a previsão: “Para você, nativo ou nativa de escorpião, a Lua minguante indica que não é o momento para iniciar discussões com ninguém. Procure equilibrar suas emoções que você terá um dia inesquecível”.

Então, durante todo o percurso que, ainda bem, não era tão longo, fiquei escutando sermão daquela senhora sem dizer uma única palavra. Por que eu achei que o inesquecível da previsão era sinônimo de bom? Que segunda-feira! Mas ainda havia motivos para ter esperança, o dia estava só no começo.

A viagem seguiu. Cheguei ao local do treino, que ficava no bairro do Sesc, recebi uma advertência do treinador por causa do atraso, mas foi só. Treino puxado como sempre, eu errando como nunca.

A volta para casa ocorreu sem maiores transtornos. Decidi levar ainda mais a sério a previsão do meu horóscopo e, já com fortes indícios de que um dia inesquecível não necessariamente seria um dia bom, preferi ficar calada mesmo.

Enfim, em casa e sozinha. Que paz! Com tanto sossego, nem percebi as horas passando. De repente, quando, de relance, olhei para o relógio pendurado na parede da cozinha, me dei conta de que já estava passando do horário de ir para a escola. Não é possível! De novo, eu ia ter que me arrumar e sair nas carreiras, dessa vez, sem almoçar.

Ufa! Consegui chegar à escola antes do fechamento dos portões. De fininho, me dirigi ao final da fila das meninas da minha turma. Quando já estávamos a caminho da sala, Fabiana virou-se e me perguntou:

– Mica, você estudou para a prova, né?

– Prova? Que prova?

– A prova de Geografia, ué! Você também não sabia que tinha prova hoje?

Minha nossa!

Na segunda-feira, a primeira aula era justamente a de

Geografia. Não havia nem como tentar estudar um pouquinho. Eu estava perdida. Recuperação, me aguarde!

Já na sala, sentei-me no meu lugar, retirei meu material da mochila e, impotente, fiquei aguardando a iminente tragédia.

Quando todos estavam devidamente sentados e em silêncio, a professora entrou na sala e, como se faz em dia de prova, disse:

– Boa tarde! Sobre a carteira apenas a folha de papel almaço e caneta azul.

A seguir, ela dirigiu-se à lousa e começou a escrever o cabeçalho da prova: “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Professor Carlos Molteni. Nome: ... n.º: ... Série: 7ª. A. Data: ... Avaliação Bimestral de Geografia com consulta”.

Não acreditei, quis dizer, acreditei e adorei. Adeus nota zero! Meu caderno estava em dia.

Já estava anoitecendo quando iniciou a última aula. Quis acreditar que o pior já havia passado e eu tinha sobrevivido. Eu amava a professora Vera e as aulas de Língua Portuguesa. O que poderia dar errado?

Enquanto eu respirava aliviada, na expectativa de um final feliz, a professora escrevia no quadro: “Nome: ... n.º: ... Série: ... Data: ... Redação. Tema: Jovem, um bicho revoltado”.

E ainda não me saí bem!

Lembrança querida

Arthur da Silva Marculino

Ainda me lembro do dia mais feliz da minha vida, a chegada do meu irmão ao mundo!!!

Exatamente dia 10 de fevereiro de 2011, minha mãe, já prestes a dar à luz, foi para o Hospital Dom Pedro I, que fica na cidade paraibana de Campina Grande, a mais próxima da cidade de Fagundes, onde moro. Pelo fato de ser muito pequena, a cidade não possui maternidade. Como não pude acompanhá-la, já que era muito pequeno na época, fiquei com meu pai em casa. Todos os meus familiares estavam ansiosos por causa da chegada do meu irmão.

Fiquei imaginando como seria legal ter um irmão, várias brincadeiras, muita diversão, jogar bola, guerra de travesseiros e diversas outras coisas.

Chegando a noite, resolvi ligar para a minha avó Maria, que se encontrava com minha mãe na maternidade, para saber como estava por lá. Depois de uma longa conversa, fui dormir.

No outro dia, acordei muito tarde, quando meu pai chegou para me dar a notícia de que minha mãe já estava na sala de cirurgia. Foi aí que eu fiquei mais feliz ainda.

Um pouco mais tarde, recebi outra notícia, desta vez, da minha outra avó, Antônia, que meu irmão tinha acabado de nascer. Nesse momento, fiquei sem palavras de tanta felicidade e, ao mesmo tempo, triste porque teria que esperar até o outro dia para vê-lo, mas, mesmo assim, não desanimei e continuei a esperar até o outro dia.

Até que enfim, chegou o outro dia. Finalmente, fui ver meu irmão. Estava muito ansioso e feliz.

Após alguns dias, minha mãe voltou para casa com ele. Era muito lindo, não esperava a hora dele crescer e fazermos várias coisas juntos como jogar bola, guerra de travesseiros...

E realmente fizemos tudo isso e muito mais. Sou muito feliz com meu irmão.

Lembranças da boa infância

Juliany Lavínia Continho Leite

Os banhos de açude. Os banhos naquele grande e prezado açude que marcam a boa infância.

Ainda me lembro do dia simples, quando tinha 7 ou 8 anos, em que eu e meus irmãos fomos tomar banho no açude chamado “Açude Velho”, da minha pequena cidade natal, Fagundes.

Aos poucos, destemidos, engolindo um pouco de água, aprendíamos a dar braçadas. O meu irmão caçula brincava, inocente, jogando baldinhos de água, até que, da pedra rasa que estava, caiu na água. Tentamos ajudá-lo.

Eu não sabia nadar muito bem. Mesmo assim, desesperado, fui colocar essa habilidade em prática. Pisando em falso, agarrei meu irmão, que se pendurou nas minhas costas, e saí nadando feito um louco em direção à margem. Parecia que eu estava nadando uns dez metros para chegar até lá. Peguei na mão do outro irmão que estava me esperando assim que cheguei à beira. A graça é que estávamos na beira do açude e só com três passos saímos do “fundo”, entusiasmados e orgulhosos.

Usufruindo de uma alegria imensa, cheguei em casa me achando o máximo. O melhor foi ser premiado com um copo de leite quente, sentindo muita satisfação.

Foi um dia simples, mas muito bom de relembrar. Só quem entende isso é quem aproveitou a melhor parte da vida, com a espontânea e pura alegria, na emoção de coisas pequenas, como a de um açude que não é mais tão limpo.

Bons tempos!

O dia inesquecível

Karen Priscila Souza de Carvalho

Por trás desses óculos há uma criança apenas cochilando! Ainda me recordo do dia em que fui à praia pela primeira vez com minha mãe, meus tios e meus primos em um domingo ensolarado.

Era o aniversário de meu primo mais novo e, como ele e eu nunca tínhamos ido à praia, nossos pais decidiram que essa seria a ocasião perfeita. Como o previsto, ficamos muito felizes e ansiosos, mal podíamos esperar.

Então, o dia esperado chegou. Acordamos cedo, nos preparamos e fomos. Em duas horas de viagem, enfim, estávamos na praia.

O dia foi maravilhoso! Nos divertimos bastante, foi uma experiência e tanto. Lembro-me perfeitamente da emoção que senti ao me deparar com aquele imenso mar, ao ouvir o relaxante barulho das ondas.

Depois do almoço, tomamos sorvete, fizemos castelos na areia e nos banhamos no mar. O resto do dia foi só diversão. O tempo passou que nem vimos.

Quando reparamos, já estava quase na hora de irmos embora. Logo, arrumamos nossas coisas e saímos de lá. Estávamos exaustos, porém satisfeitos.

O dinheiro compra tudo?

Arthur da Silva Marculino

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquitinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Como sabemos, o ser humano não vive sem dinheiro. Necessitamos dele para comprar nossos alimentos, nossas roupas, nossos bens materiais entre várias outras coisas, mas será que o dinheiro nos traz felicidade? Temos consciência de que em algumas situações sim, porém em outras não. O dinheiro pode mudar completamente o nosso jeito de viver, além de acarretar vários conflitos, por exemplo: a desigualdade social, em que uma sociedade busca ficar à frente das outras na área financeira. Temos também o desrespeito e o abuso de poder.

Sendo assim, podemos considerar o dinheiro como um vilão para nós, pois, como já temos conhecimento, ele não compra tudo o que queremos e sim acaba nos roubando o nosso jeito de ser, a nossa paz e a nossa felicidade.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que o dinheiro é algo muito bom, entretanto, não é tão bom ao ponto de dizer que ele compra tudo, pois você pode comprar a pedra mais preciosa do mundo, contudo o belo cantar do meu periquitinho, não.

O dinheiro é tudo na vida?

Samuel de Sousa Veiga

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Já parou para pensar que o dinheiro é importante na nossa vida, mas não é tudo? Ele certamente é um dos “itens” mais essenciais em nossa atual sociedade: compra alimentos e bens materiais que são imprescindíveis como nossa moradia, roupas e assim por diante.

No entanto, há coisas que o dinheiro não pode comprar, como a vida, os nossos sentimentos, a nossa saúde e o nosso bem-estar. Além de alguns eventos comuns em nosso cotidiano, tais como: a sombra do ipê amarelo, a paisagem, a luz solar, a chuva etc.

Então, será mesmo que o dinheiro é tudo na vida? É não. Será que ele é a solução dos nossos problemas? É também não. Quantas pessoas atualmente acabam sofrendo de insônia, necessitando de remédios. O dinheiro não compra um sonho bom, porém pode comprar remédios que ajudam a dormir, entretanto, depois aparecem os efeitos colaterais como cansaço e a fadiga.

Assim, podemos concluir que o dinheiro é muito importante, todavia não é tudo na nossa vida. Logo, ser rico de dinheiro não é essencial, mas sim ser rico das coisas que o dinheiro não pode comprar como o canto dos pássaros, a felicidade e a saúde.

O dinheiro não é tudo!

Karen Priscila Souza de Carvalho

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Há muitas coisas que o dinheiro não pode comprar como a gratidão, a humildade, a paz, o amor, a felicidade, a saúde (pode comprar remédios e ajudar em tratamentos, mas nunca comprará a saúde natural).

O dinheiro não compra um bom amigo – principalmente aquele amigo verdadeiro, que vai estar contigo em todos os momentos, até nos piores. O dinheiro pode atrair pessoas interesseiras, mas elas vão ser as primeiras a te abandonar quando surgirem as dificuldades.

O dinheiro não pode comprar coisas simples da vida, coisas do cotidiano que não damos tamanha importância, como a vista da minha janela, de onde observo paisagens, um belo jardim, onde crianças brincam, contagiando a todos com a sua alegria.

O dinheiro é algo importante e necessário para a nossa sobrevivência, para comprar alimentos, bens materiais etc. Porém, o dinheiro não é tudo, deveríamos dar mais importância às coisas simples e verdadeiras, aos momentos bons da vida que podem nos trazer a alegria e a satisfação que ele não compra.

O dinheiro salva vidas?

Guilherme Dias da Silva

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquitinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Todavia, não podemos ser hipócritas, pois há coisas que só podemos ter se tivermos dinheiro para comprar, como: alimentos, roupas, produtos de beleza e até mesmo ração para o periquitinho de olhos vermelhos. Mas acaba que o dinheiro não compra afeto, sentimento ou a felicidade de uma pessoa.

Se considerarmos estas coisas, perceberemos realmente que o dinheiro não é tudo. Vários ricos se foram por causa do coronavírus. Com isso, vemos que a riqueza deles não poupou suas vidas. Com dinheiro, podemos até adquirir remédios ou respiradores, mas ele é incapaz de comprar a saúde ou a vida.

O dinheiro, será que é tudo?

Kalil Fabrício da Silva

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquitinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Se pararmos para refletir, o dinheiro é bastante importante para nossas vidas, mas mesmo assim não é tudo.

Existem coisas simples que o dinheiro não compra, como amizades verdadeiras, um amor fiel, uma boa ideia, boas memórias, sorte, integridade etc.

Várias pessoas, atualmente, mesmo tendo muitos recursos financeiros, sofrem de doenças graves que, algumas vezes, não têm remédios nem muitos tratamentos. O dinheiro não compra saúde. Com base nisso, será que o dinheiro é tudo? Claro que não.

Contudo, é óbvio que há coisas que o dinheiro pode comprar, como prazer, casas, carros, educação, conforto, segurança, roupas. No entanto, tudo o que o dinheiro pode comprar talvez não seja o suficiente para viver uma vida plena e feliz.

O que é mais valioso?

Juliany Lavínia Continho Leite

Há coisas que o dinheiro não pode comprar. Por exemplo: a sombra de um ipê amarelo, a Pedra do Baú, o badalar do sino da matriz, o canto do periquito – principalmente daquele periquitinho de olhos vermelhos que vem me dar bom-dia, todos os dias, ao pé da minha janela, até nos dias mais embaçados de inverno.

Na minha janela, além do periquitinho, dá pra ver um horizonte por trás de tudo que está em minha volta e sentir um vento que percorre, que vai e vem, de um lado para outro, num céu pintado de azul, como uma aquarela, com nuvens branquinhas como um algodãozinho.

Nas horas vagas, vou olhar os galhos do ipê balançarem e as crianças lá longe, com uma alegria incomparável, brincando com as coisas que na sua imaginação existem.

Posso escutar o grave do sino que se afina no meu íntimo, numa noite cheia de estrelas que iluminam o ipê amarelo, principalmente no verão, quando o céu está limpinho.

Mas não é só quando está sol que o dia é bom. Ontem, choveu tanto que se cada gota de água fosse uma moeda, eu estaria rica! Porém, a harmonia do som da chuva não tem preço.

Se me fosse concedido um desejo, no qual poderia pedir e obter qualquer coisa, já saberia o que dizer: “Quero algo que o dinheiro do mundo inteiro não pode comprar, algo muito valioso e insubstituível, que só quem abre os olhos do coração pode enxergar: a poesia das pequenas coisas da vida.”

O que uma fofoca pode causar?

Guilherme Dias da Silva

Eu tinha 13 anos e morava em Fagundes, uma cidade do interior da Paraíba, famosa por seu ponto turístico, a Pedra de Santo Antônio, a qual recebe turistas de várias partes do Brasil e até mesmo do mundo. Fazia algumas semanas que tinha ganhado uma bicicleta e ainda estava aprendendo a andar com ela.

Certo dia, não me lembro bem ao certo, mas, provavelmente, era no finalzinho da tarde, decidi dar uma volta com a *bike* na minha rua. Essa rua fica perto do centro da cidade, se bem que quase tudo fica no centro, porque Fagundes é um município pequeno.

Durante esse passeio com a minha *bike*, parei na casa da minha tia e fiquei chateado com a minha mãe por causa de uma fofoca. Estavam espalhando que eu tinha respondido aos mais velhos, mas não foi isso que aconteceu.

Por causa disso, saí com muita raiva e em alta velocidade, sem me lembrar que ainda estava me adaptando a andar de bicicleta. Pelo fato de a minha rua não ser asfaltada, tombei em um buraco na frente da casa dos meus vizinhos fofoqueiros, esses que andavam falando por toda a rua de mim. De modo surpreendente, foram eles que ajudaram a minha pessoa naquele momento da queda.

Esse foi um fato que marcou a minha infância, pois eu percebi que a fofoca sempre traz alguma consequência e que o fofoqueiro nem sempre sabe o dano que pode causar.

Rodoviária

Aliny Angelys

Era domingo. Acordara-me cedo. Na verdade, mal dormira. Isso aconteceu porque uma lembrança do sábado decidi repousar e fazer morada em minha psique, justamente no horário mais propício para a civilização ocidental deitar, descansar e dormir, desfrutando do sono noturno. Você há de concordar comigo que a mente humana tem lá suas resistências para entender que a madrugada foi feita para dormir, não para pensar. Inclusive, agora é madrugada e, podendo estar dormindo, dedico minhas horas a escrever algumas linhas que talvez só eu leia. Todavia, como o meu eu escrevente é tão amigo do meu eu leitor, vale a pena entretê-lo. As próximas linhas são para deleite e, sobretudo, recordação desse segundo, que convida o seu a, comigo, reviver aquela manhã de sábado.

Eram 5h e eu estava na rodoviária. Depois de findar mais uma semana de trabalho, esperava sentada o metrô na companhia de poucas pessoas, do frio e do silêncio matinal. Naquele momento, só desejava o aconchego do meu lar para desfrute do meu momento comigo, um banho morno, o meu pijama mais confortável e, na TV, assistir a uma apresentação orquestral de *You raise me up* até pegar no sono, mas aí me apareceu um cachorro, desses de rodoviária, cheirou meus sapatos, como quem pede licença e sentou-se ao meu lado, me oferecendo, além da companhia, um olhar triste e sozinho. Essa chegada mudou meus pensamentos naquela espera.

– Ele mora aqui! – Exclamou a moça da limpeza, que higienizava as cadeiras e presenciou nosso encontro.

Uma vez olhos cruzados, não pude negar o impacto causado em meu psicológico tão questionador. Já que com a boca não

falam, o que dizem os olhos dos cães, sobretudo os de rodoviária? Esforcei-me para lê-los e, para mostrar-lhe compreensão, ofereci-lhe afago, acariciando sua tenra cabeça, e tentei conversar com ele na linguagem que nos era possível. Imaginei como seria sua vida naquele lugar, provavelmente, só desejando estar perto de quem igualmente o quisesse perto, que o lesse e, mesmo que durante uma espera, soubesse se fazer presente para ele.

Subitamente, as indagações e imaginações foram interrompidas pela chegada do metrô. Durante uns 40 minutos servimos de companhia um para o outro, mas o tempo de despedida chega para todos e aquele era o nosso. Levantei-me, peguei o celular que estava no bolso, tirei rapidamente uma fotografia dele e acenei-lhe um tchau, que foi correspondido com uma leve torcida de cabeça, olhares tristes e saudosos que para sempre ficaram registrados no recorte de tempo que é uma fotografia e, ainda mais, em meu coração.

Eu queria lembrar dele e por isso escrevo. Eu não podia esquecer de que aquele cachorro também era eu. A vida é uma grande rodoviária e eu também morava em uma.

Um ano novo

Luís Gustavo Rodrigues da Silva

Dia 31 de dezembro de 2019, último réveillon antes da pandemia, dia em que é tradição convidar todos os familiares e amigos para comemorarmos a passagem para o ano novo, estava ansioso pela chegada de todos os convidados: minha avó, tios, tias, primos e amigos.

O jantar estava sendo feito, geladeira lotada de bebidas e quitutes, seria a noite perfeita e foi. Nessa data, aconteceram muitos beijos e abraços. De forma rápida, chegou à meia-noite e, com aquele show de fogos de artifício no céu, as esperanças de todos se renovaram. Fiquei muito feliz por naquela noite estar acompanhado das pessoas que amo.

Com o passar dos dias, ainda no começo do ano, veio a notícia de uma doença que aos poucos devastava o mundo. E quem diria que aquela doença desconhecida tiraria a vida de tantas pessoas. Cá estou eu separado de todo o resto da minha família por mais de um ano. Mais de um ano também sem fazermos festas como aquela do dia 31.

Todavia, estamos todos agradecendo por continuarmos ilesos no meio dessa pandemia e ainda ansiosos por uma vacina feita às pressas para que assim possamos festejar como naquele ano de 2019.

Um dia de férias

Maria Bianca Rodrigues Macedo

Lembro-me de um dia da minha infância. Durante as férias, quando eu dormia um bom sono, viajando no mundo dos sonhos repleto de momentos fantásticos e fantasiosos, logo na madrugada, escutei meu avô com aquela voz suave, mansa, falando:

– Be, se acorda pra tomar café! Tô te esperando pra subir pro agreste.

Eu acordei com um grande sorriso no rosto e logo me levantei da cama às pressas, dei-lhe a bênção, escovei os dentes, tomei café e troquei de roupa.

Ansiosamente, eu o chamei para ir ao sítio.

– Vamos, painha, eu já tô pronta.

– Vamos! Vou só pegar a bolsa com tuas bugigangas.

Sáímos de casa. Durante o caminho, íamos conversando. Meu avô falava das histórias já vividas por ele, como eram os tempos de antigamente.

Ao chegar lá no sítio, fomos olhar os bichos no curral, em seguida meu avô foi tirar a ração para o gado. Eu, como uma neta astuciosa, fui aprontar enquanto isso. Montei no burro e fiquei andando no curral.

E cada dia de férias era assim. Logo quando se aproximava das nove horas, eu lhe dava o remédio, em seguida, íamos tirar caju, coco, manga. Era uma bagunça. Voltando para casa, íamos almoçar.

Ao chegar da tarde, ele armava a rede no alpendre e ficávamos nos balançando nela.

Também me lembro de quando eu estava em casa à noite e escutava os chinelos arrastando no chão, um assobio calmo e forte.

Era ele! Com sua bolsa nas costas, chegava e ia tomar banho. Logo em seguida, ele ia assistir à novela no sofá.

Ele me chamava e falava para eu irritar minha mãe. Então, eu fazia isso e, quando ela estava furiosa, corria e ficava atrás dele. Ríamos bastante!

É muito difícil escolher um dia de férias no sítio com meu avô, na verdade, em férias ou não, ele fazia com que todo dia se tornasse muito especial.

Um trauma da infância

Kalil Fabrício da Silva

Ainda me lembro do dia em que aconteceu umas das piores coisas da minha vida. Foi no ano de 2013, em uma terça-feira pela manhã na cidade de Fagundes.

Esse município está localizado no agreste da Paraíba e é relativamente pequeno. Sua população tem como principal meio de locomoção a moto. O trânsito até que é bastante tranquilo.

Como de rotina, nessa terça-feira, meu pai foi me buscar na escola. Como sempre, estávamos voltando para casa de moto, até que um carro em alta velocidade nos atingiu. Felizmente, não caímos, mas, depois de alguns segundos, me deparei com minha perna bastante ferida.

Rapidamente, o motorista do carro e meu pai me levaram para o hospital, onde passei por uma longa cirurgia, pois o corte era fundo e bastante grave. Por conta disso e pela quantidade enorme de sangue, isso se transformou em um trauma.

Passei um pouco mais de um mês internado até me recuperar totalmente. Com isso, percebi que até em cidades pequenas, como Fagundes, podem acontecer acidentes. Foi um trauma sim, mas me ajudou a ser mais cuidadoso no trânsito.

Uma bela boneca

Andreia Millena Ribeiro Dantas Dias

Certa vez, uma menina chamada Júlia, amiga minha, levou sua boneca novinha para a escola que fica em Fagundes, um pequeno município do agreste paraibano. A boneca era tão bonita que os outros alunos também gostaram muito. Todos brincaram com ela, mas, infelizmente, eu a quebrei. Logicamente, sem querer.

Depois que eu vi a minha amiga chorando tanto, decidi que precisava dar a ela outra boneca igual.

Então, cheguei a minha casa e pedi que meus pais comprassem outra boneca. Eu disse a eles que não era para mim, mas sim para minha amiga Júlia, pois, sem querer, eu quebrei a dela e ela ficou muito triste.

Meus pais gostaram da ideia e, no mesmo dia, fomos a uma loja no centro da cidade de Fagundes comprar uma nova boneca. No dia seguinte, eu a entreguei a minha amiga Júlia. Ela ficou tão feliz e eu também! Me senti uma heroína vendo a menina tão alegre!

Meu pai tinha preparado um presente surpresa para mim e me entregou quando foi me buscar na escola. Ganhei um celular da Barbie tão lindo! Ele disse que eu tinha feito a coisa certa e que se sentia muito orgulhoso!

Contos

A mochila do coronel

Juliany Lavínia Continho Leite

José Valdivino Franco, um coronel valente, perspicaz e rico, tinha apenas uma filha, chamada Laura, a qual amava muito, pois era muito prestativa e inteligente. Havia também Afonso, sobrinho do coronel, que era visto por este como um filho e, em razão disso, vivia na mesma casa, a grande mansão Franco.

Aos 28 de abril de 1965, o coronel se encontrava no último dia de sua vida. No quarto de sua mansão, na grande fazenda, prestes a dizer suas últimas palavras, chama Laura.

– Laura, minha filha querida, sempre muito inteligente. Escute com atenção: há uma mochila dentro do celeiro. Na parte de cima, onde há um baú de fechadura torta, há uma mochila. Pegue-a. É importante. Seja esperta. Você sempre tem as chaves, abra o que puder com elas.

Após essas palavras, um último suspiro.

O que significava? Laura não entendeu no momento o que seu pai havia lhe falado. O que poderia ter na mochila?

Um mês depois, Laura ainda se lembrava das palavras de seu pai. Como não entendia o que ele quis dizer, achou melhor contar para o seu primo Afonso. Ele, após ouvir o relato, diz que devem procurar, como o coronel havia dito. E assim o fazem. Vão até o celeiro. Mexem no feno, poeira sobe. Procuram perto de barris e baús. No canto da parede, atrás de madeiras velhas, a mochila. Por que tão bem escondida? No momento em que a pegaram para abrir:

– Afonso? É você que está aí? – Fala o cuidador dos cavalos. Eles escondem a mochila rapidamente.

– Eu e Laura estávamos dando uma olhada nas coisas – Fala

Afonso, nervoso. Algo tão importante como parecia ser a mochila não podia ser exposto de tal maneira.

– Voltamos amanhã bem cedo para olhar com mais calma – Diz Afonso.

Assim, no dia seguinte, Laura e Afonso vão para o celeiro, mas ao chegar lá... Onde está a mochila? Não estava mais lá. Quem poderia ter pegado? Só havia um suspeito: o cuidador de cavalos.

O cuidador foi vigiado todo o tempo, interrogado sutilmente, até o dia em que se achou a mochila.

Sexta à noite, 2 dias depois do desaparecimento da mochila, Laura, ansiosa com a situação, vai até o quarto de seu primo. Bate na porta, mas Afonso demora para responder. Desconfiado, ele abre a porta com um olhar nervoso. Dispensa Laura rapidamente.

Por que ele estava assim? Não podia ficar menos intrigada com a situação. Então, Laura, de manhã, assim que seu primo sai, vai ao quarto dele novamente de forma discreta. Lá, ela vasculha a bancada e os armários.

Não pôde acreditar! A mochila estava escondida no armário de Afonso o tempo todo! Dentro dela, havia também uma caixinha de aço, amassada, quase aberta, que tinha escrito “Laura”, com a letra do coronel. De repente, a porta se abre. É Afonso. Ele ameaça Laura.

– Larga a caixa agora!

– Afonso, é só uma caixinha...

– Deixa de ser boba, Laura. O que você acha que um velho rico colocou numa caixa de aço para a filhinha dele?

– Você sabe que todos vão ficar sabendo disso, não é, Afonso?

– Você quer quanto para ficar calada? A metade já é suficiente

para você? Ainda vai sobrar muito para mim. Agora que você está aqui, abra a caixa. O tio te ensinou a abrir caixas assim, então abra.

Laura abre a caixa que seu primo não soube abrir.

– Uma chave quebrada? Esse é o segredo do coronel? – Fala Afonso, indignado.

– Ainda vai me dar a metade? – Surpresa, mas com voz irônica, diz Laura.

Os empregados escutam os barulhos no quarto e presenciam Afonso ainda em cena com Laura como refém.

Já sabemos o resultado de toda essa situação. Afonso saiu da mansão, arcou com as consequências do que fez e perdeu qualquer chance de usufruir da riqueza de seu tio.

É a chave? O que significa? Seria para nada tudo aquilo?

Meses depois de pensar sobre o caso, Laura entende. Corre imediatamente para o celeiro onde encontrou a mochila antes. Vai perto dos baús e escolhe um velho e quebrado. Lembra que sempre tem as chaves e elas abrem fechaduras, inclusive os fechos tortos de baús no celeiro, na parte de cima. O que estaria dentro do baú? Uma pasta e estava escrito na primeira folha: “Testamento de José Valdivino Franco”.

A mochila misteriosa

Arthur da Silva Marculino

Certo dia, em uma bela tarde de sol, em Recife, Pernambuco, estávamos eu, meu irmão Júlio, meu primo Matheus e meu amigo Vitor jogando aquele futebolzinho. Coisa melhor não existe, é sempre bom ficar entre amigos.

Voltamos para casa apenas eu e meu irmão Júlio, pois o meu primo, que também é meu vizinho, saiu antes mesmo que o jogo acabasse. No caminho, já bem próximo de nossa residência, encontramos uma estranha mochila, resolvemos levá-la conosco.

Depois de alguns minutos, finalmente chegamos à nossa casa. Curiosos, eu e meu irmão tentamos abrir a mochila, mas um pequeno aviso que estava colado nela nos impediu de realizar tal ação, nele dizia: “Não abra, em hipótese alguma, caso contrário, uma maldição cairá sobre você”. Deixando a mochila de lado, tentei dormir, mas não parava de pensar no que poderia ter nela.

No outro dia, saindo para escola, decidi levar a mochila comigo, só por precaução, para que ninguém tentasse abri-la.

Chegando à escola, meus amigos estranharam, pois levei duas mochilas e porque eu não os deixar tocar nela em uma delas, então, resolvi contar tudo. Assustados, todos na sala evitaram se aproximar da bolsa amaldiçoada.

Após ter terminado a aula, fui para casa e, no meio do caminho, encontrei uma pessoa bastante estranha, que me disse assim:

– Me dê esta mochila marrom que está no seu braço esquerdo e você não irá se machucar!

Espantado, saí correndo. Quando entrei em minha

residência, prestes a anoitecer, resolvi, de uma vez por todas, que ia abrir aquela mochila, mesmo depois do aviso e do encontro com aquela pessoa estranha.

Comecei a abrir a mochila quando, de repente, escuto um barulho, como se alguém tivesse invadindo a minha casa. Fiquei com medo no momento, mas como eu estava curioso, continuei. Não estava nada fácil abrir a mochila, o zíper estava emperrado. Quando estava quase conseguindo, minha mãe me chamou para jantar, não quis ouvi-la, porém ela disse que iria me deixar de castigo se eu não descesse para jantar. E ficar sem jogar bola não é nada legal, mas eu teimei e continuei a abrir a mochila. Quando consegui tive uma grande surpresa.

Dentro da mochila havia apenas um lápis e outro bilhete. Desta vez, o bilhete dizia: “ Oi cara, sou eu, seu primo Matheus, você acabou de cair em uma pegadinha”. Com raiva e ao mesmo tempo risonho, por ter caído em uma pegadinha, saí de fininho, pelos fundos para que meus pais não percebessem, e fui até a casa do meu primo, que fica ao lado da minha.

Chegando lá, tive uma breve conversa com ele. Dialogamos a risos e, aproveitando a nossa conversa, perguntei quem tanto participou dessa brincadeira. Ele me respondeu que apenas ele participou. Então, fiquei me questionando quem seria aquela pessoa misteriosa que tinha pedido a mochila para mim. Como não desci para o jantar, resolvi o mistério, mas acabei ficando de castigo.

A suspeita casa do Sr. José

Andreia Millena Ribeiro Dantas Dias

Era uma manhã bem ensolarada, a primeira na casa nova, quando Stefan Salvatore acordou e não viu seu irmão Damon Salvatore. Então, ele foi até a cozinha e, chegando lá, encontrou os óculos, o jornal e um chá que ainda estava meio quente. Diante dessa cena, Stefan pensou:

–Ué!? De quem são esses óculos? Nem eu nem Damon usamos óculos.

A casa em que os dois moravam se localizava na avenida 17, onde não havia vizinhos próximos. Os irmãos Salvatore moravam sozinhos. Eles eram muito reservados, praticamente não recebiam visitas. Eles não eram de muitos amigos e não possuíam parentes que moravam nas proximidades. Para piorar, a casa para a qual Stefan e Damon acabaram de se mudar é bem assustadora. Se ninguém gostava de se aproximar, imagina morar lá.

O porquê? A casa era afastada, estava mal conservada e, antes dos irmãos Salvatore, tinha morado lá o Sr. José. Segundo alguns boatos de vizinhos de bairro, esse homem tinha se suicidado dentro da casa. Ninguém até hoje sabe o motivo, já que o velho senhor não deixou carta alguma. Além disso, havia relatos de que, à noite, de dentro da casa, era possível ouvir alguns gritos. Todavia, Stefan e Damon não ligavam para isso, só queriam morar numa casa mais afastada da sociedade.

Naquela manhã, apesar da mesa posta e do chá ainda quente, Stefan não viu Damon. Chamou, mas o irmão não respondeu. Diante disso, ele decidiu procurar o irmão em todo canto, em cada lugar da casa. No entanto, não encontrou Damon.

O único lugar no qual Stefan não tinha procurado ainda era o porão, no qual eles nunca tinham entrado desde que se mudaram para a casa, o que aconteceu há somente um dia.

Chegando lá, Stefan viu Damon conversando com um homem.

– Stefan, esse aqui é o dono da casa – Disse Damon.

– Impossível, o dono da casa se suicidou – Afirma Stefan.

– Não! Isso é só coisa da cabeça dos outros, permita que ele explique – Solicitou Damon.

Tomando calmamente a palavra, o Sr. José falou:

– Eu não morri, me escondo aqui para proteger a minha casa. Muitas pessoas contaram a lenda que o Sr. José morreu, mas isso não é verdade. Me chamavam de louco e de velho acabado. Tive que forjar minha própria morte para me sentir em paz. Assim, todos ficaram com medo e nunca mais vieram me perturbar.

Considerando que os irmãos Salvatore queriam ficar isolados, aquela casa, mesmo com os boatos, parecia ideal. Sabendo disso, Elena, uma amiga dos irmãos e corretora de imóveis, ajudou na locação. Não foi algo simples, dado o sumiço do proprietário, mas a corretora conseguiu localizar um herdeiro e fez dar certo.

– Mas e quanto ao que vi lá na cozinha? De quem são os óculos e o jornal? Quem estava tomando o chá, pois só há uma xícara? – Diz Stefan.

– Aquilo foi uma armadilha. Eu sabia que vocês iriam estranhar a cena e tentariam procurar explicação – Respondeu Sr. José

– Mas por que se esconder, Sr. José? Tudo bem que ninguém nos avisou que havia alguém morando no porão quando alugamos a casa, mas não há problemas, a casa é grande, podemos dividir o

espaço – Afirmou Stefan.

A questão é que eu não quero dividir nada. A casa é minha!
– Gritou o velho.

– Calma! Por que não resolvemos isso tomando um chá lá na cozinha? – Perguntou Stefan.

Foi uma pergunta em vão. A resposta do homem foi induzir que os irmãos se matassem. Ele não podia matar os irmãos, pois era um fantasma que só podia ser visto no porão. Damon e Stefan não se deram conta de que se tratava de uma casa mal assombrada. Os irmãos Salvatore estavam lidando com um espírito vingativo que não admitia nenhum outro morador na casa. Se Stefan e Damon tivessem dado ouvido aos boatos, não teriam vindo morar na casa. Agora, era tarde demais para arrependimento.

Crime na casa sete

Milene Bazarim

Quando, finalmente, a visão de Ana deixou de estar turva, ela se viu sentada sozinha à mesa. À sua frente, a xícara preferida de Lica, o chá ainda quente, o jornal.

– Lica, amor, cadê você?

Não houve resposta.

– Ué, mas e esses óculos aqui?

Nem Ana nem Lica usam óculos. São casados há pouco mais de um ano. Ainda não são pais. Moram sozinhos. Não têm empregada doméstica nem sequer diarista.

Ana intrigada sai da mesa e vai até o quarto do casal.

Lá, encontra a cama feita, banheiro arrumado e seco. Nem o cheiro do perfume de Lica pairava no ambiente.

– Ulysses, apareça! Você está me deixando nervosa. Isso não tem graça não, viu?

Ana saiu do quarto já bastante contrariada. Olhou no outro cômodo e nada de Lica. Voltou para a sala. Abriu a janela. Viu que o carro não estava na garagem.

– Como o Lica saiu sem eu perceber? – Pensou Ana.

Ao se aproximar, ela constatou que a porta não estava trancada. Trêmula, pressentindo que o pior podia ter acontecido, voltou para o quarto onde estava seu telefone celular. Fez a chamada.

– Polícia Militar. Qual é a sua emergência?

– Moço, por favor, me ajude, ajude meu marido.

– Calma, senhora. Respire pausadamente. Agora, tente falar um pouco mais devagar. Vamos providenciar ajuda. Se a chamada cair, não se preocupe, eu retorno a ligação. Eu sou o soldado Rocha.

Qual é o seu nome?

– Meu nome é Ana! Mande ajuda logo. Vocês precisam socorrer o meu marido.

– Dona Ana, pode me relatar pausadamente o que aconteceu?

– Eu não... Eu não sei... Eu não tive culpa. Mande ajuda logo! É na... Na estrada... Fica próximo... Ai meu Deus, de onde mesmo?

– Senhora Ana, por favor, acalme-se para que eu possa dar prosseguimento ao atendimento. Estamos rastreando a ligação e já temos a sua localização.

– A ajuda já está vindo, então? Estou meio confusa... O meu marido! Por favor, ajudem o meu marido.

– Sim, senhora. O socorro já está a caminho. Vamos fazer o possível pelo seu marido. Por favor, continue na linha conversando comigo.

– Sinto a minha cabeça pesada, estou um pouco tonta... Meu Deus, me ajude!

– O que está acontecendo, senhora?

Silêncio total.

– Dona Ana? A senhora ainda está na linha? – Insistiu o atendente.

A ligação caiu.

A viatura já estava a caminho, mas o trânsito nesse horário de pico da manhã não colabora para a agilidade do atendimento. Foi acionada para atender à ocorrência, excepcionalmente, uma viatura de outro bairro, pois as da região estavam todas em diligência. Na viatura, o experiente cabo Oliveira, 15 anos de bons serviços prestados à corporação, e a novata soldado Dos Anjos, ainda em estágio probatório.

Finalmente, chegaram ao local do chamado. Pelo rádio, foram informados de que a Central perdera o contato com a mulher que tinha ligado para a emergência. Em frente à casa sete, entretanto, tudo parecia na mais perfeita ordem. De cara, perceberam que não havia sinal algum de arrombamento.

Cumprindo o protocolo, primeiramente, soldado Dos Anjos bateu à porta.

– Polícia Militar, bom dia! Alguém em casa?

– Soldado Dos Anjos, minha cara, é sério que te ensinaram isso na academia? Vou te mostrar como é que faz – Disse Oliveira.

Esmurrando a porta, gritou:

– Abra agora! É a Polícia!

Nenhum sinal de que alguém pretendia atender à gentil solicitação de Oliveira. Como havia indícios de que uma vítima poderia estar em perigo, tinham que forçar a entrada. Meio que por instinto, a soldado Dos Anjos experimentou virar a maçaneta antes de derrubar a porta.

– Elementar, meu caro Oliveira!

A porta não estava trancada.

Assim que entraram, caminharam pela sala, perguntando se havia alguém em casa. Logo, depararam-se com a mesa posta, supostamente para o desjejum. Perceberam que o chá ainda estava meio quente, também havia um jornal e, ao seu lado, os óculos.

– Nossa, existe gente que lê jornal impresso? Nem sabia que isso ainda existia – Pensou alto Oliveira.

– Como se você alguma vez já tivesse perdido o seu tempo lendo jornal impresso ou on-line, né Oliveira?

Sorte da soldado que o cabo não a ouviu.

De qualquer forma, quem esteve ali tinha saído há não

muito tempo. Não havia, no entanto, sinal algum de luta. Tudo estava no seu devido lugar. A casa até que era muito bem arrumada, todavia praticamente não se viam objetos decorativos. Por isso, destacavam-se as fotos de um casal ao lado da televisão no rack da sala. À direita, a típica foto do dia do casamento, ela de noiva e ele de *smoking*. À esquerda, uma que parecia mais recente: o casal sorridente apontando para a ainda minúscula barriguinha de uma recém-gestante. Nessas fotos, ninguém usava óculos.

– Parece um casal feliz! – Sussurrou a soldado Dos Anjos enquanto segurava, com luvas, um dos porta-retratos.

Oliveira não estava acostumado com esse tipo de ocorrência. Na sua área, havia muitos homicídios e intenso tráfico de entorpecentes. Ele mesmo já tinha estourado várias bocas de fumo. Todo aquele marasmo o deixava impaciente. Contudo, os policiais tinham que seguir os procedimentos, por isso continuaram revistando a casa. Afinal, segundo a Central, uma mulher de nome Ana havia feito a ligação para solicitar o resgate do marido.

– Oliveira, temos que encontrar quem fez a ligação! – Disse a soldado já diante da porta do último quarto, a qual estava entreaberta.

Pela fresta, Dos Anjos viu uma mulher caída no chão ao lado da cama. Rapidamente, dirigiu-se até a vítima que ainda segurava o celular em uma das mãos. Verificando que ela tinha pulso, reportou a Central pelo rádio.

– Central, aqui é a viatura 13. Vítima localizada, mulher de aparentemente uns 30 anos. Está inconsciente, pulso fraco, mas sem ferimentos aparentes. Não há indício algum de outra vítima. Solicito o envio de uma ambulância com urgência.

– Entendido, viatura 13. A ambulância já está a caminho.

Rapidamente, o SAMU chegou. Ana já estava desperta, mas repetia frases sem nexos:

– Resgatem o meu marido... Eu não tive culpa...

Quando os socorristas já estavam bem perto da porta carregando a maca na qual Ana era transportada, um homem entra na casa e se aproxima da vítima. Demonstrando um misto de surpresa com preocupação, ele pergunta:

– O que está acontecendo aqui?

– Senhor, por favor, deixe-nos passar – Disse um dos socorristas.

– Ana, o que foi isso? Eu só... Eu fui... Por Deus, Ana. O que você fez?

– Eu não tive culpa. Eu não tive culpa.

Aproximando-se do homem, a soldado Dos Anjos questiona:

– O senhor mora aqui? É parente da vítima?

– Não. Eu não! Eu estive aqui faz poucos minutos, acho que uns vinte, trinta... Por Deus, o que foi isso?

– Qual é o seu relacionamento com a vítima? Você conhece o marido dela? O que estava fazendo aqui? – Pergunta o cabo, tomando a frente na arguição.

– Oliveira! Disse a soldado Dos Anjos energicamente.

– Você foi desovar o cadáver do marido e agora voltou à cena do crime? Logo se vê que é um amador! Acaba de desperdiçar o seu réu primário, amigo! – Falou Oliveira triunfante.

– Cadáver? Que cadáver? – Respondeu o homem ainda meio atordoado.

– Vai me dizer que você não é o amante da dona aí que parece ter um parafuso a menos?

Após uns segundos constrangedores de silêncio, Oliveira

continua solenemente.

– Vou esclarecer o que aconteceu aqui. Soldado Dos Anjos, tome nota de tudo para colocarmos no relatório. O marido corno, ou melhor, a verdadeira vítima recebeu uma ligação do trabalho enquanto tomava seu chá e lia seu jornal. Provavelmente, o relacionamento não andava bem das pernas, afinal só há duas fotos do casal na sala e a esposa nem acompanhou o marido durante o café da manhã, pois só há uma xícara na mesa. A ligação pedia para que o marido fosse com urgência ao trabalho resolver um B.O. dos grandes. Para entender o que estava acontecendo, ele continuou na ligação e saiu muito apressado, deixando para trás o chá, o jornal e os óculos. Percebendo que o caminho estava livre, a adúltera te ligou. Você já estava esperando essa ligação, essas visitas matinais devem fazer parte da sua rotina, então, chegou rapidamente. Como sempre, encontrou a porta aberta e não se preocupou em trancá-la. Você só não contava que o corno fosse voltar para pegar os óculos que havia esquecido e desse de cara com você aos beijos com a mulher dele.

– Não! – Interrompeu o homem. Esses óculos de leitura e o jornal são meus.

– Então, você confessa o crime! Não tendo como explicar o inexplicável, você preferiu dar cabo no marido – concluiu Oliveira todo orgulhoso.

– Eu nunca ouvi tanto absurdo! Como eu teria matado o marido de Ana se não há nem sangue nem sinal de luta aqui?

– Oliveira, chega! Eu assumo! Por favor, desculpa o meu parceiro, ele é meio afobado!

– Soldado Dos Anjos, meça as suas palavras e respeite a hierarquia. Sou seu supervisor – Esbravejou o cabo.

– Ok. Então, faça a sua parte e apenas supervisione.

– Será que alguém vai me explicar o que aconteceu aqui, por favor – Implorou o homem misterioso.

A essa altura, Ana já estava a caminho do Hospital Regional.

– Senhor, mais uma vez, peço desculpas. Meu nome é Dos Anjos. Recebemos um chamado da vítima solicitando ajuda para o marido. O senhor pode nos elucidar algo a respeito dessa ocorrência?

– Não tem ninguém para ser resgatado. Ou melhor, teve a própria Ana.

– Não? Então, a dona é só doida mesmo?

– Oliveira, por favor, deixe a testemunha falar!

– Realmente, após passar na banca de jornal do bairro, a única que ainda funciona na cidade, eu decidi vir aqui para verificar como a Ana estava. Na última semana, ela não atendeu às minhas ligações nem respondeu às mensagens via WhatsApp. Quando cheguei, para minha surpresa, ela estava bem. Enquanto ela fazia o chá, eu lia o jornal. Assim que concluiu, ela simplesmente colocou o chá na mesa e pediu licença, disse que eu poderia me servir. Acho que ela foi ao banheiro ou coisa assim. Então, vi uma linda xícara que estava sozinha na cristaleira. Achei que não teria problema utilizá-la. Como o chá estava muito quente, para não embaçar, tirei os óculos e continuei folheando o jornal. De repente, vi Ana parada, olhando fixamente para mim. Eu lhe perguntei se estava tudo bem. Ela se sentou meio pálida, meio trêmula. Ficava repetindo “Eu não tive culpa.” Abandonei o chá, fechei o jornal e o coloquei ao lado dos óculos. Perguntei se ela tinha os remédios e se os estava tomando certinho. Mas Ana parecia não entender a minha pergunta. Então, fui ao meu carro, sempre tenho umas amostras grátis nele. Era óbvio que ela precisa de uma dose mais forte.

– Só piora! Agora, além de assassino também faz contrabando de remédio?

– Oliveira, quieto!

– Então, infelizmente, eu não tinha o medicamento que Ana costuma tomar.

– E como é que você sabe que remédio ela toma? Você estava dopando a mulher? Você tinha um conluio com o marido? Então, você foi contratado pelo marido para se livrar da esposa. Um feminicídio que não deu certo. Mas por que não deu certo? – Tagarelava Oliveira.

– Soldado Dos Anjos, teria como eu falar a sós com a senhora? – Suplicou o homem.

– Infelizmente, não. Ele é meu parceiro e meu supervisor.

Dirigindo-se polidamente ao cabo, o homem solicitou:

– Cabo Oliveira, o senhor poderia, por favor, nos privilegiar com o seu silêncio?

– Com certeza! – Respondeu prontamente o cabo.

– Como eu ia dizendo... Não tinha o medicamento no meu carro. Então, decidi ir buscar no meu consultório, que não é tão longe daqui. Quando voltei, deparei-me com a viatura da polícia e a ambulância do SAMU na porta da casa.

– Então, o senhor é...

– Eu sou o psiquiatra da Ana. Há dois meses, desde, desde... Ela faz tratamento comigo. Também é acompanhada por uma psicóloga, se quiser, posso passar o contato.

– Tá! A gente já sabe que são seus óculos, seu jornal, que o senhor não invadiu a residência, mas esteve aqui mais cedo...

– Mas cadê o marido? Interrompeu novamente Oliveira.

– Está morto!

– Tá vendo?! Eu não disse?! Meu faro não erra uma. Pode dar voz de prisão ao suspeito, soldado Dos Anjos.

– Está morto há dois meses. Ele morreu em um grave acidente de carro.

– Deixa eu adivinhar – Disse Dos Anjos. Era Ana quem estava dirigindo.

– Sim. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Eles não bateram em nenhum outro automóvel. O tempo estava bom, era dia, pouco movimento na estrada. O carro simplesmente saiu da pista, a perícia não encontrou sequer marca de frenagem, e acabou caindo numa ribanceira. O laudo sobre o acidente foi inconclusivo.

– E o bebê? Ela estava grávida, não estava? Eu vi na foto... Na foto ali ao lado da televisão.

– Aconteceu um aborto.

– Meu Deus! Que tragédia! – Lamentou Dos Anjos.

– Então, a dona é doida mesmo e deve ter matado o marido, mas não agora, foi no acidente de carro – concluiu Oliveira.

Mais uma vez, o cabo continuou solenemente.

– Independentemente do possível o homicídio culposo nesse acidente aí, a comunicação falsa de crime é contra a lei. É algo que está previsto no artigo 340 do Código Penal. Dá processo e quem faz isso pode ser condenado a até seis meses de detenção, além de ter que pagar multa. A dona está bem encrocada!

– Oliveira, pelo amor de Deus! – Exclamou Dos Anjos.

– Eu entendo que é a lei, mas Ana tem atenuantes. Por causa do acidente, ela ficou uma semana na UTI e, quando saiu, nunca mais foi a mesma. Embora não tenha havido sequelas físicas, há muitas emocionais. Ana sofre de transtorno pós-traumático e também foi diagnosticada com esquizofrenia paranoide. Às vezes,

se não tomar os remédios na hora certa, ela pode ficar confusa. Ainda não estou certo sobre o gatilho para esse surto. Preciso saber mais para entender, mas, para isso, tenho que ir ao Hospital Regional acompanhar minha paciente. Se vocês me derem licença. Fiquem com o meu cartão, caso precisem de algum esclarecimento sobre o quadro clínico da Ana, podem me contatar. Só espero que, depois de tudo isso, ela não tenha também que responder a um processo por comunicação falsa de ocorrência.

– No que depender de nós, né Oliveira, não terá. Vamos apenas relatar o que aconteceu: encontramos a vítima desmaiada no quarto. Nossos mais sinceros votos para a plena Ana.

Em busca da cura

Maria Bianca Rodrigues Macedo

Há muito tempo, em um reino muito distante, as terras eram tomadas pelo mal e governadas por Baltazar e seu exército. Nessa mesma época, surgiu um mago que travou uma batalha contra Baltazar.

Depois de dias em uma árdua luta, quando finalmente o mago derrotou o rei tirano, foi lançada sobre ele uma maldição: Baltazar e seu exército foram transformados em uma gigantesca árvore, na qual cada folha representava um soldado.

Durante séculos, a maldição foi mantida graças ao trabalho secreto de várias gerações de guardiões. Atualmente, em 2021, eu, Arthur e minhas amigas Isabela e Diana somos os guardiões dessa árvore.

Tudo estava bem até que hoje, pela manhã, percebemos que a árvore estava doente, soltando uma tinta avermelhada em seus galhos. Ficamos ainda mais espantados quando, diante de nossos olhos, caiu a primeira folha.

Algum tempo depois, por volta das três horas da tarde, Arthur, um dos guardiões que estava fazendo a vigilância, deu-nos a notícia de que poderia ter visto um dos soldados de Baltazar em um pequeno trecho do outro lado dessa pequena porção do que já foi uma floresta e que insiste em resistir ao avanço da cidade.

Nós todos ficamos muito preocupados com a notícia. Estávamos reunidos tentando pensar em alguma solução quando, de repente, um morador de um bairro que também fica nas proximidades da pequena floresta chegou e nos disse:

– Eu sei quem vocês são. Eu também sou de uma geração de

guardiões e guardo um segredo que só poderia ser revelado em uma situação de perigo iminente como esta.

Todos ficamos em choque, pois não imaginávamos que haveria um outro guardião secreto. Mais surpresos ainda ficamos quando ele nos falou sobre um pergaminho que iria nos guiar na busca de uma solução.

A todo custo, tínhamos que evitar que Baltazar e seu terrível exército retornassem. Se isso acontecesse, significaria a destruição de nosso mundo, a morte ou a escravidão não só de nossos entes queridos, mas de todas as pessoas.

Diante disso, eu, Diana, Isabela e Arthur, com base nas poucas informações do guardião misterioso, fomos à procura do tal pergaminho.

Procuramos por dias, até que finalmente achamos no túmulo do mago. Por questão de segurança, decidimos ler apenas na sede no nosso grupo de guardiões, uma cabana que fica na floresta, perto da árvore mágica.

Enquanto isso, mais folhas caíram.

No caminho para nossa cabana, no entanto, encontramos um grupo de saqueadores que levaram a mochila na qual tínhamos guardado o pergaminho.

Ficamos desnorteados, pois o pergaminho não podia cair em mãos erradas. Diana e Isabela foram encarregadas de realizar as buscas, pois eram as guardiãs mais experientes.

Durante essa missão, elas foram atacadas pelos soldados já libertos, os quais ainda não estavam com sua força plenamente recuperadas, o que tornou possível que as duas conseguissem escapar com vida.

Por conta do fracasso da missão, Diana e Isabela estavam

retornando para a nossa cabana quando, no meio do caminho, eu e Arthur as encontramos. Nós já tínhamos a informação, dada por um fazendeiro, que uns sujeitos meio estranhos estavam tentando vender relíquias no mercado de pulgas da cidade.

Mais que rapidamente, seguimos para o mercado. No entanto, não tínhamos um plano para recuperar o pergaminho. Foi então que nos demos conta de que não era preciso muito esforço. Se os saqueadores estavam vendendo, nós tínhamos o dinheiro para comprar. E foi o que fizemos. Os larápios estavam tão interessados no dinheiro que nem nos reconheceram como sendo as vítimas de quem eles roubaram a mochila.

Dessa vez, para não correr mais riscos, não esperamos chegar à cabana para ler a mensagem do pergaminho. Em um cantinho do mercado mesmo, fizemos a leitura e descobrimos o segredo que estava guardado na mochila.

Nossa amiga e guardiã Isabela era uma descendente direta do velho mago, sendo uma gota de seu sangue a cura para a árvore.

De posse dessa solução, corremos para a floresta e, ao encontrarmos a árvore mágica, procedemos conforme nos indicava o pergaminho.

Assim que a gota de sangue da descendente do mago encostou na árvore, as folhas que haviam caído e se transformado em soldados rapidamente voltaram e imediatamente a árvore também parou de soltar a tinta vermelha.

Com isso, a maldição está mantida e o nosso mundo, mesmo sem saber, está salvo da crueldade de Baltazar e seu exército.

Quanto ao pergaminho, juntamente com a mochila, será mantido em segurança para que as novas gerações de guardiões saibam como proceder em casos de urgência.

Lancheira da sorte

Luís Gustavo Rodrigues da Silva

Mais um dia de aula! Gael começava a se arrumar para ir à escola. Ele tem 9 anos de idade, mora com seus pais e seu irmão mais velho em uma pequena cidade.

A aula começa às 8h da manhã. Nesse dia, Gael demorou demais para se arrumar. Percebendo que o menino iria se atrasar, sua mãe o chamou. Na pressa, quase que ele esquece de colocar em sua mochila o que ninguém poderia descobrir.

Rapidamente, mãe e filho seguiram para escola. No portão, eles se despediram e a mãe pôde voltar tranquilamente para casa. Como guarda um segredo, antes de entrar na sala, Gael garante a segurança da sua mochila para evitar qualquer perigo.

No recreio, ele pegou o seu objeto sigiloso e foi para um lugar bem escondido, uma sala vazia, que não é frequentada por mais ninguém, uma sala esquecida por todos, para que assim ninguém o descobrisse.

Ao voltar à sala de aula, após o recreio, ele garantiu que o objeto fosse bem guardado sem que ninguém percebesse.

Alguns minutos após o reinício da aula, a professora da turma nota que o livro que usaria na aula tinha sumido. Ela pergunta quem o pegou, mas fica sem resposta alguma. Então, decide olhar a mochila de cada aluno.

Neste momento, Gael gelou, sentiu como se fosse desmaiar, pois temia que seu grande segredo fosse descoberto.

Enfim, chegou a hora da professora revistar a mochila de Gael. E, por muito, muito pouco mesmo, não descobriram o objeto guardado em sua lancheira.

Após o episódio, quando o sinal de liberada dos alunos tocou, Gael só pensava em se livrar daquela chupeta o mais rápido possível. Finalmente, ele se conscientizou de que aquilo não era mais para a sua idade.

O conto de Spiderwick³

Eduardo Meneses Ferreira

No ano de 1960, uma família comum se mudou para uma residência do interior, bem afastada da cidade. Cansados da viagem, os membros da família entraram na casa eufóricos.

James, um dos três irmãos, não via a hora de conhecer o seu quarto em que se hospedaria; já Bille, o seu irmão gêmeo, queria explorar o lugar. Enquanto isso, a irmã mais velha ajudava a sua mãe, recém-divorciada, a fazer a mudança.

Ao anoitecer, Bille notou coisas estranhas dentro das paredes. Enquanto isso, a irmã mais velha, a Dafine, que também é atleta, treinava constantemente o seu esporte favorito, a esgrima. Durante o treino, ela sentiu falta da sua espada. Como não conseguia achar de jeito nenhum, ela acusou os irmãos, quando, na verdade, era outra “coisa”...

Já na hora de dormir, Bille não conseguia pegar no sono, pois ele tinha medo da “coisa”. Curioso como sempre, então foi explorar o quarto. Enquanto admirava as pinturas antigas da parede no seu quarto, sem querer, esbarrou em um falso tijolo que abriu uma passagem secreta que levava ao sótão da casa.

Chegando lá, o garoto observou coisas surreais: potes com aranhas, asas de animais, tudo o que se pode imaginar, até mesmo folhas antigas que falavam de espécies desconhecidas. No entanto, o que lhe fascinou foi um baú trancado que continha uma coisa que ninguém poderia saber, um segredo irrevelável.

Bille foi ansioso contar para seu irmão James o que tinha descoberto, mas seu irmão não acreditou na história. Todavia, Bille

3 O conto de Spiderwick trata-se de uma *fan-fiction*.

convenceu o irmão para tentar pegar a certa “coisa”.

No outro dia, os dois irmãos foram até o sótão para tentar capturar a “coisa”. Bille, com o conhecimento que aprendeu com os folhetos e estudos do sótão, preparou uma armadilha para a “coisa”. Com a ajuda do irmão, colocou biscoitos e mel e ficou esperando o bicho cair na armadilha. De tanto esperar, eles acabaram dormindo e a “coisa” pegou os biscoitos e o mel. Para a sorte dos irmãos, ela, por descuido, deixou um rastro de pedaços de comida.

James já estava cansado e decidiu ir embora, mas Bille, insistente, foi atrás do rastro e sorrateiramente achou a casa da “coisa”. Quando ele se deparou com o bicho, não acreditava que aquilo era real. A “coisa”, na verdade, era um diabrete que se chamava Tibério, bastante simpático, aliás. Ele explicou tudo para o garoto, inclusive o segredo no baú.

O que havia dentro dele era uma mochila que servia de esconderijo para um livro poderoso. Se esse livro caísse nas mãos erradas, poderia significar um caos, com certeza. Tibério entregou o livro para Bille e pediu para que ele promettesse que ia proteger o livro com sua vida de tudo e todos, mas, principalmente de Murgarht, um ogro da floresta que, para não deixar suspeitas mudava de forma. Murgarht também controlava um exército de Goblins.

Enquanto Tibério contava sobre o mundo desconhecido, o ogro planejava invadir a casa exatamente à meia noite. A casa, por sorte, era protegida por um campo de força.

As horas foram se passando e Bille juntamente com seus irmãos esperavam o ogro para enfrentá-lo. Na espera da batalha, os Goblins invadiram por todas as brechas que a casa continha com objetivo de pegar o livro. A única fraqueza dos Goblins era molho de tomate, sal e lâminas afiadas.

Usando molho de tomate, sal e lâminas afiadas, os irmãos derrotaram todo o exército, mas faltava um, o líder deles, Murgarht, que se transformou no pai de Bille, o mesmo que tinha se divorciado da mãe dele.

O ogro sabia que se transformando no pai de Bille conseguiria enganá-lo e pegar livro. Ele sabia que o pai ia contar sobre o divórcio. Mas Bille foi mais esperto fez só uma pergunta para o pai:

– O que tinha para me falar, pai?

– Ah! Eu só queria dizer que te amo, filhão.

– Resposta errada, pai!

Na mesma hora, Bille puxou uma corda que detonou uma bomba de tomate. A explosão queimou a pele do ogro, matando-o.

Com a vitória dos três irmãos e vendo que o ogro foi derrotado, Tibério resolveu queimar o livro para o bem de todos. Os irmãos concordaram e incendiaram o livro.

Tudo voltou ao normal. Mas, não contavam que ...

Murgarht ainda estava vivo!

O enigma dos óculos

Arthur da Silva Marculino

Pela manhã, Rafael acordou, escovou os dentes e se dirigiu à cozinha para tomar o seu café da manhã. Na mesa, encontravam-se uma xícara de chá, ainda quente, e um jornal. Diante dessa cena, ele se perguntou quem poderia ter deixado isso na mesa. Como na casa só morava ele e o pai, achou normal, pois seu pai poderia ter saído às pressas para resolver algum problema. Para ter certeza, ligou para ele.

Rafael tentava ligar, mas o telefone só chamava, chamava e chamava, mas nada do seu pai atender.

Após ver que seu pai não atendeu ao telefonema de jeito nenhum, o menino, mesmo preocupado, tentou tomar o seu café da manhã. Porém, ao sentar-se à mesa, notou que havia uns óculos, ficou pensativo, se perguntando quem esteve na casa aquela manhã além dele, pois, como o seu pai não usava óculos, ou melhor, ninguém da família, que, às vezes, visitava a casa, usava óculos.

Assustado, Rafael saiu correndo até o seu quarto, mas lembrou que, na noite passada, o amigo do seu pai, o Andrew, tinha visitado a casa e ele usava óculos. Dessa forma, Rafael ficou mais tranquilo, pois acabava de descobrir de quem eram os óculos.

Com isso, resolveu ligar para o Andrew, simplesmente para avisá-lo do acontecido. O primeiro telefonema Andrew não atende, isso deixou Rafael mais nervoso, porém resolveu ligar novamente, no segundo toque Andrew atende:

– Olá, Rafael, como você está?

– Oi senhor Andrew, estou bem. Queria lhe avisar que você esqueceu seus óculos aqui em casa ontem à noite. Mais uma coisa,

– você tem notícias do meu pai? Pois desde quando acordei que não o vejo, tentei ligar para ele, mas ele não me atende.

– Meus óculos!? Isso não é possível. Estou com eles nesse exato momento. Infelizmente, não tenho notícias do seu pai, Rafael, também tentei ligar para ele, já que tínhamos marcado de sair agora de manhã, porém ele não me atendeu.

– Entendi! – Respondeu Rafael bastante preocupado.

Após terminar a ligação, o menino ficou se questionando sobre de quem poderiam ser aqueles óculos e o porquê do seu pai não atender as ligações.

Sem ter respostas, começou a ligar para todos da sua família, a fim de que alguém tivesse notícias de seu pai. Todos respondiam a mesma coisa: “Infelizmente, não temos nenhuma notícia”.

Rafael começou a ficar desesperado.

– Será que meu pai sofreu algum acidente? O que será que houve com ele? Alguém o sequestrou?

De repente, alguém bate em sua porta. O menino paralisa. Continua a batucada em sua porta. O barulho aumenta. E, por fim, uma voz:

– Aqui é da polícia. Tem alguém em casa?

Rafael se acalma e responde:

– Oi, tem sim, já estou indo.

Abrindo a porta a policial pergunta:

– Oi, seu pai está?

– Não, ele não está. Desde quando acordei que não o vejo – Responde Rafael, com a voz meio triste.

– Não fique triste, ele deve ter apenas saído para comprar alguma coisa ou até mesmo para resolver algum problema! – Exclamou a policial.

Nesse exato momento, o pai de Rafael chega à casa, cumprimenta a policial com um bom dia e pergunta:

– O que lhe traz aqui?

A policial responde:

– Ora, vim buscar aqueles óculos que acabei esquecendo aqui logo cedo, após nossa conversa sobre o roubo a joalheria na qual você trabalhou como vigilante.

– Ah, sim, eu nem tinha percebido que você havia deixado os óculos aqui!

Após entregar os óculos à policial e ter se despedido dela, Rafael e seu pai entraram em sua casa.

Com isso, Rafael pergunta ao pai:

– Pai, por que você não me atendeu nem deixou sequer um bilhete que falasse para onde o senhor iria.

– Nossa, filho, desculpa. É que meu celular tinha ficado sem bateria, mesmo na hora que fui atender a sua ligação e, como fui chamado às pressas para verificar uma proposta de emprego, não deu tempo de escrever o bilhete, desculpa mesmo.

– Que nada, pai. O importante é que você está bem! Só tinha achado estranho porque você não tinha me atendido, nem atendido o seu amigo Andrew.

– Nossa! Agora que me lembrei, tinha marcado de sair com o Andrew. Como pude esquecer isso? Vou me arrumar agora, quer ir comigo, filho?

– Claro que sim, pai, só deixa eu avisar a toda família que o senhor está bem!

– Como assim, filho? Você pensou que eu tinha desaparecido e com isso avisou a toda família? Ah, você não tem jeito mesmo, viu?

Com tudo resolvido, Rafael e o pai finalmente foram ao

encontro com o Andrew. Em relação ao roubo da joalheria, seguem as investigações.

O que havia na mochila

Karen Priscila Souza de Carvalho

Era meia noite, lá estava o Sr. Taylor Edward, exausto e sem sono, no momento em que recebe uma ligação, na qual foi dada a notícia de que seu avô veio a óbito. Sr. Edward era um homem misterioso, reservado e muito educado.

Algum tempo depois do ocorrido, ele decidiu separar os pertences de seu avô que estavam no sótão para doação. O sótão estava mais empoeirado que ele imaginava e o pano colocado sobre sua boca e nariz não estava fazendo mais tanto efeito. Tralhas e mais tralhas, era o que aquele velho guardava.

– Vovô, sobre o que é? – Perguntou, pegando o diário empoeirado na estante.

– Nada que você tenha que se preocupar agora – Lembrou ele enquanto retirava a poeira para saber o que tinha escrito no diário.

Foi logo ao abrir o livro empoeirado que descobriu que havia uma mochila com um grande segredo. Só existia um problema: o livro não dava pista de onde ela poderia estar.

Curioso, o Sr. Edward continuou a separar os haveres. Inesperadamente, achou uma caixinha com uma chave e um pequeno pedaço de papel, o qual dizia: “Se você está lendo essa mensagem é porque chegou a hora. A mochila está na minha antiga casa, no seu lugar preferido”.

Já era noite, ainda assim, foi caminhando ao local que não era tão longe. Ao chegar lá, viu que a casa estava abandonada, deteriorada. Com um pouco de medo, Sr. Edward entrou. Foi direto ao seu quarto preferido e, depois de muito procurar, encontrou

a mochila dentro do baú, o qual abriu com a chave. Em seguida, pegou-a e procurou sair logo daquele lugar sinistro, foi quando ouviu uns passos como se alguém estivesse andando atrás dele.

Caminhou mais rápido e sem olhar para trás. Começou a tremer. Virou depressa. Não havia nada. O medo aumentou.

Depois de sair desesperado e praticamente correndo da antiga casa do seu avô, parou na esquina. Foi então que se deu conta de que a mochila tinha sumido. Ele não podia deixá-la para trás. Voltou.

Ao chegar em frente à casa de novo, um homem, alto, com um sobretudo preto, cujo rosto não era possível ver com clareza devido à escuridão, perguntou-lhe:

– Está procurando isso?

E, em seguida, entregou-lhe a mochila.

Ainda apavorado, Sr. Edward chegou a sua casa. Enfim, ele ficou surpreso e feliz ao descobrir o grande segredo.

O segredo da família Kindel

Samuel de Sousa Veiga

Gregori, 13 anos, acordou, tomou café e logo foi à sala de estudos pegar sua mochila para ir ao colégio. Seu pai, Senhor Kevin, já estava lá, como sempre, revisando um documento antigo, cujo conteúdo parecia ser um segredo de família Kindel, poucos sabiam do que se tratava.

Ao Gregori chegar à sala, seu pai rapidamente parou a leitura e foi ajudá-lo a arrumar a mochila, pois, na noite anterior, com vontade de dormir, o adolescente tinha deixado todo o seu material escolar espalhado. A arrumação da mochila acabou provocando um atraso. Pai e filho acabaram saindo às pressas.

Alguns minutos depois, Kevin deixou seu filho próximo à escola, pois precisava terminar de revisar o documento antes de ir ao trabalho. Gregori, no caminho, avistou Guilherme, um valentão filho da família Kandih.

Após deixar seu filho bem perto da escola, Senhor Kevin retornou à sua casa. Ao chegar, foi diretamente à sala de estudos. Olhando para sua mesa, achou estranho o documento não estar mais lá. Nesse momento, entrou em desespero.

Enquanto o Sr. Kevin revirava a casa em busca do documento sigiloso, Gregori estava chegando à portaria do colégio. Apesar de avistar um tumulto, ele decidiu prosseguir e tentar entrar em sua sala, já que estava atrasado.

Tentando passar em meio de um bate e rebate, empurra e empurra, confusões, de repente, Gregori acaba perdendo a sua mochila e diante de tantas pessoas, não consegue perceber quem teria pego sua bolsa.

Além de irritado e preocupado, Gregori também ficou triste, pois provavelmente não poderia assistir à aula, sem contar que todo o seu material, inclusive deveres de casa, estavam perdidos.

Imediatamente, Gregori foi procurar a secretaria da escola, que nada fez, além de mandar um inspetor acompanhá-lo até sua casa.

Durante o caminho, o pobre garoto não conseguiu conter as lágrimas.

O inspetor acompanhou Gregori até a porta de sua residência, mas não se preocupou em falar com algum responsável para relatar o acontecido.

Ao entrar, o estudante achou estranho que seu pai ainda estivesse em casa, pois já tinha passado e muito do horário de ele estar no trabalho.

Senhor Kevin achou inusitado o filho voltar do colégio tão cedo e, ainda por cima, com aquela cara de quem tinha chorado.

Olhando mais atentamente, Senhor Kevin acabou vendo que seu filho voltou para casa sem sua mochila. A partir daquele momento, aumentou o desespero do pai.

Gregori não imaginava que a perda da sua mochila fosse deixar o pai tão irritado, por isso o que lhe foi revelado pelo Sr. Kevin fez com que ele também ficasse ainda mais preocupado.

Seu pai lhe contou que, possivelmente, teria perdido um documento antigo e muito importante. Por causa da correria ajudando a arrumar a mochila, ele pode, por engano, ter deixado cair, acidentalmente, dentro da mochila o tal documento sigiloso.

Diante da revelação, Sr. Kevin e seu filho imediatamente retornam ao colégio na tentativa de descobrir algo que lhes ajudasse a recuperar a mochila e o documento misterioso que provavelmente

estava nela.

Ao chegarem lá, não conseguiram muito mais do que o esperado. Todos os alunos que estavam na escola foram revistados, mas a mochila não foi encontrada com nenhum deles. Provavelmente, quem a pegou não tinha ficado para assistir às aulas.

Sem muitos resultados no colégio, Kevin ainda pediu para a secretária comunicá-lo o mais rápido possível caso alguém tivesse alguma informação que lhes ajudasse a recuperar a mochila.

O desespero cada vez aumentava. Apesar disso, Sr. Kevin teve que deixar seu filho em casa e seguir para o seu trabalho, pois já estava muito mais que atrasado.

Após acabar seu expediente, Kevin chegou a sua casa, mas ainda não tinha desistido de procurar a mochila. Então, teve a ideia de ir à residência de Guilherme, que, além de não estar na escola durante a revista, tinha uma rivalidade muito grande com seu filho. Gregori sempre relatava episódios nos quais Guilherme o hostilizava.

Chegando lá, Kevin pergunta a João, pai de Guilherme, se tinha avistado o filho com alguma mochila a mais ou algo diferente. Ele responde que não viu e que qualquer novidade sobre isso iria avisá-lo.

Depois de um longo dia cansativo, Kevin decidiu descansar e esperar o próximo dia.

No dia seguinte, Gregori acorda cedo com alguém tocando na campainha de sua casa.

Ao abrir a porta, tem a surpresa de ver sua mochila, porém sem ninguém por perto.

Rapidamente, vai avisar ao seu pai.

Sem entender nada, Kevin fica aliviado ao ver a mochila,

mas só ficou completamente aliviado mesmo quando, ao abrir a bolsa do filho, viu que o documento sigiloso realmente estava lá e, por sorte, o encontrou novamente.

Sem perder mais tempo, Sr. Kevin tratou de guardar o documento em um local secreto na sua sala de estudos. Só assim, ninguém teria acesso e o segredo da família Kindel continuaria a salvo.

O segredo da mochila

Kalil Fabrício da Silva

Em uma bela terça-feira, eu e meu irmão Pedro estávamos jogando futebol por celular. Meu pai Antônio foi trabalhar. Como era de rotina, após voltarmos do colégio, ficávamos sozinhos em casa até que ele voltasse do trabalho.

Quando meu pai chegou, carregava consigo uma mochila misteriosa. Eu e meu irmão ficamos nos perguntando o que estaria lá, éramos muito curiosos. Até tentamos pegar a tal mochila para descobrir o que havia nela, mas nosso pai, ao perceber nossa intenção, interrompeu nosso plano. No entanto, nós não desistiríamos assim tão fácil. Quando ele foi tomar banho, procuramos pela sala, pelo quarto, pela cozinha, por quase toda a casa, mas não obtivemos sucesso.

Eu e meu irmão sabíamos que nosso pai era muito cuidadoso, logo, ele não deixaria a mochila misteriosa em um lugar óbvio. Por nos conhecer muito bem, ele sabia que iríamos revirar a casa inteirinha até conseguirmos alcançar nosso objetivo.

É claro que o nosso pai estava corretíssimo. Enquanto ele tomava banho, continuamos caçando, mas, dessa vez, em lugares mais difíceis, como no armário da sala, no guarda-roupas... Tentamos imaginar um lugar no qual ele guardaria a mochila para que ela não fosse encontrada por qualquer um, só por ele mesmo.

Enfim, acabamos desistindo de procurar. Até imaginamos que nosso pai tinha levado a mochila junto com ele para o banheiro justamente para não a encontrarmos. Com a missão sem sucesso, ficamos pensando o que teria de tão importante naquela bolsa misteriosa.

Embora não tenhamos esquecido ou deixado de procurar, nunca conseguimos encontrar a tal mochila, que parecia ter simplesmente desaparecido. Era como se ela nunca tivesse nem existido.

Enquanto crianças nem eu nem meu irmão ousamos tocar no assunto com nosso pai. Os anos se passaram sem que a minha curiosidade sumisse junto com a mochila.

Certo dia, já adulto, não suportando mais a dúvida, decidi criar coragem e enfrentar meu pai antes que ele morresse e junto com ele o segredo da mochila.

Ilusão minha acreditar que meu pai contaria assim o segredo que ele se esforçou tanto para esconder juntamente com a tal mochila.

Tanto tempo depois, eu continuava mais determinado do que nunca. Então, fui atrás de descobrir. Aproveitando que já estava lá, permaneci na casa, escondido, até ver que meu pai tinha saído. Mais uma vez, procurei por todos os lugares.

Depois de muito tempo, encontrei um porão que, na minha infância, nunca soube que existia. Será que o meu pai o tinha construído recentemente, depois que eu e meu irmão não morávamos mais na casa?

Dessa vez, meu pai não havia sido tão cuidadoso, a porta não estava trancada e eu pude entrar sem dificuldade.

Imediatamente, não consegui enxergar nada, foi preciso verificar se havia alguma tomada perto da porta que ligasse uma luz. Achei. Mesmo sendo uma luz muito tímida, me ajudou a enxergar em um cantinho do porão a mochila misteriosa.

Agora, eu iria desvendar esse segredo. Sem mais delongas, abri a mochila. Dentro tinha um papel, que era uma cópia de uma

certidão de nascimento. Naquele momento, eu fiquei sabendo que tinha mais um irmão além do Pedro.

Rapidamente, liguei para o Pedro e o informei. Ele veio correndo para casa do nosso pai. Ficamos lá esperando até ele chegar, quando lhe informamos que já tínhamos descoberto o grande segredo.

Nosso pai lamentou ter escondido nosso irmão esse tempo todo, mas nós o perdoamos, pois todo mundo erra.

Como já tínhamos perdido muito tempo, não tardamos para sair em busca do Douglas, nosso irmão mais novo. Foi muito difícil encontrá-lo, já que não tínhamos muitas informações. No entanto, nós o localizamos, afinal, nunca desistimos facilmente de nada.

Foi muito bom finalmente ter a oportunidade de conhecer o Douglas, bem como a sua esposa e sua linda filha, nossa sobrinha. Botamos os assuntos em dia.

Realmente, eu e meu irmão tínhamos razão. Desde o primeiro momento, desconfiamos da mochila misteriosa, suspeitamos que havia um segredo. Não sei se a nossa mãe, enquanto viva, soube que nosso pai tivera outro filho. O fato é que agora nossa família ficou maior e mais feliz.

O segredo dos irmãos Souza

Kalil Fabrício da Silva

Em uma bela manhã de segunda-feira, já passava das 9h e Nathan Souza ainda estava acordando. Mesmo sem nada para fazer por causa do desemprego, estava atrasado, pois, normalmente, tomava seu café da manhã com o seu irmão João Souza, que acordava cedo também nas férias. Os irmãos Souza eram solteiros e moravam sozinhos em uma casa que os pais tinham deixado como herança.

Nathan levantou e foi tomar seu banho. A seguir, foi para cozinha. Lá, deparou-se com a mesa já posta. Nela, uma xícara com um pouco de chá ainda quente. Ao lado, um jornal aberto.

– João, você só fez o chá? Cadê meu café? – Disse Nathan sem perceber que o irmão não estava na cozinha.

Como Nathan ficou sem resposta, aproximou-se da mesa. Ao recolher o jornal que estava todo espalhado, encontrou um objeto estranho.

– Ué? De quem são esses óculos? Ninguém aqui usa óculos! Nesse momento, Nathan ficou preocupado.

– João, quem esteve aqui?

Em vão, Nathan falava com o irmão, o qual não lhe deu retorno.

Nathan foi à procura de João. Começou a busca pelo banheiro social, que fica na sala, mas não encontrou nem vestígios do irmão. Já bastante nervoso, olhou no quarto de João. Nesse cômodo, encontrou um celular carregando. Pensou que João pudesse estar no banheiro do quarto, no entanto lá também não o localizou. Nathan já estava muito abalado, pois o irmão não sairia sem o celular. Então, decidiu procurar João no quintal.

Nathan estava irritado e inquieto. Ao sair, mais uma surpresa: a chave do irmão na porta, a qual não estava trancada.

Nathan acabou não encontrando o irmão, entrou em desespero e correu logo para registrar uma ocorrência de desaparecimento na delegacia.

A delegacia é pequena. Ele esperou pouco tempo para chegada do escrivão. Assim que o indivíduo se acomodou, começou a fazer as perguntas para Nathan que já tinha dito que queria fazer um boletim de ocorrência de desaparecimento do seu irmão mais velho.

– Qual foi a última vez que você viu seu irmão?

– Na noite anterior.

– A que horas você acordou e concretizou que ele desapareceu?

– Acordei depois das 9h e, como de costume, fui tomar meu café da manhã com ele. Vi uma xícara com um pouco de chá ainda meio quente...

De repente, um homem chega.

– Vim fazer uma queixa – Disse o homem.

– Quem é você? Qual o relacionamento com a vítima? – Perguntou o escrivão.

– Meu nome é Léo, sou o vizinho da vítima – Falou o homem.

– Então foi você que sequestrou meu irmão – Interrompeu Nathan.

– Não, lógico que não, eu ajudei ele – Respondeu Léo.

– Mas o que estava fazendo na minha casa? – Questionou Nathan, já bastante alterado.

– Eu fui entregar o jornal que tinha sido deixado na minha

casa por engano – Esclareceu o vizinho.

– Senhores, por favor, estamos em uma delegacia tentando registrar uma ocorrência de desaparecimento – Alertou o escrivão.

– Não há desaparecimento algum, senhor escrivão – Exclamou Léo.

– Então, por favor, relate-nos o que aconteceu – Disse o escrivão.

– Como eu já falei, fui à casa de João entregar o seu jornal. Ao chegar lá, me deparei com o João passando muito mal e, às pressas, tentei ajudar. Ele pediu que eu o levasse o mais rápido para o hospital...

– Como assim passando mal? – Perguntou Nathan.

– Calma, irei explicar! Quando cheguei ao hospital, ele foi atendido imediatamente. E eu fui preencher a ficha – Falou Léo.

– Mas fale rápido, o que ele tinha? – Perguntou Nathan.

– Ele passou mal por causa de algo que ingeriu – Disse Léo.

– Meu irmão tentou se matar? – Interrompeu Nathan.

– Nathan, você encontrou alguma carta? – Perguntou o escrivão.

– Pior que eu não achei nenhuma carta – Respondeu Nathan.

– Você reparou se seu irmão estava deprimido? – Continuou o escrivão.

Léo interrompeu.

– Senhor, o João foi envenenado e o culpado está aqui – Exclamou Léo.

– Como assim? Isso é uma calúnia – gritou Nathan.

– Senhores, acalmem-se ou vou mandar prender os dois. Isso é uma delegacia! – Disse o escrivão, tentando apaziguar os ânimos.

– Mas ele é apenas o vizinho, não sabe de nada – Falou

Nathan.

– Eu não sabia mesmo, não fazia ideia, mas seu irmão me contou tudo a caminho do hospital – Disse Léo.

Nathan estava cada vez mais nervoso.

– Não sou obrigado a ficar aqui sendo ofendido, vou ao hospital ver meu irmão – Disse Nathan.

– De jeito nenhum, o senhor só sai daqui depois que eu entender o que aconteceu. Por favor, senhor Léo, continue o relato – Solicitou o escrivão.

– Foi o Nathan que tentou matar o João envenenado – Falou Léo.

– Senhor Nathan, antes de dar a voz de prisão para você, me diga o motivo de tudo isso. E como você envenenou seu irmão? – Perguntou o escrivão.

– Já que não tenho mais saída, irei falar. Eu misturei o veneno junto com o resto de chá. Eu fiz isso porque queria vender a casa e pegar o dinheiro, mas o João não queria deixar de jeito nenhum – Respondeu Nathan.

– Senhor Nathan, você está preso em flagrante por tentativa de homicídio. Reze para seu irmão não morrer, pois se isso acontecer, você será acusado de assassinato – Finalizou o escrivão.

Depois de tudo resolvido na delegacia, o Léo voltou ao hospital para acompanhar João.

O sequestro na casa gigante

Samuel de Sousa Veiga

Iniciava-se mais um dia naquela casa gigante da rua Arnaldo Santos de Andrade. Nela, mora um homem chamado Júlio, de 45 anos, que, infelizmente, perdeu 70% do movimento das pernas. Além disso, alguns esquecimentos são mais frequentes do que deveriam. Tais acontecimentos são consequência de uma missão policial malsucedida, a qual fez com que ele, de vez, se afastasse da polícia. Na mesma casa, mora sua esposa Maria, uma mulher de 37 anos que trabalha como enfermeira no Hospital São José dos Santos.

Como era de rotina, Júlio quando acorda pede para sua esposa servir seu velho chá de camomila e juntamente trazer o jornal diário da cidade, o qual era encontrado em uma banca próxima à casa. Júlio gostava de ler as notícias para se manter informado e, ao mesmo tempo, exercitar a sua memória, por meio da leitura.

No entanto, esta manhã parecia que estava diferente. Ao acordar, Júlio percebe que, aparentemente, Maria já tinha saído para trabalhar, pois a chamava e ela não respondia, mas não era de costume ela sair tão cedo para o trabalho. Eles sempre tomavam juntos o chá, se informando sobre a cidade. Júlio, apesar de vários problemas relacionados à perda de 70% do movimento das pernas, tenta se levantar e, com várias dificuldades, aos trancos e barrancos, finalmente consegue e vai se sentar em sua cadeira de rodas, a qual ficava sempre próxima da cama.

Quando sai do quarto, vai em direção à cozinha. Chegando lá, Júlio percebe que, sobre a mesa, tinha um chá de canela, ainda meio quente. Ele odeia esse chá e não entende o porquê de a esposa

ter deixado, supostamente, preparado.

Olhando mais atentamente, encontra seu famoso jornal matinal, mas aparentava que já tinha sido lido, com algumas gotas de chá pelo papel. Ainda na mesa, acaba achando uns óculos, sendo que ele e sua esposa não usavam. Como um bom antigo policial, Júlio tentava resolver tal mistério, mas claro que antes ele próprio prepara seu chá de camomila.

Após tomar seu chá, teve a ideia de checar as câmeras de segurança. Ao olhá-las, ao que tudo indica, Maria tinha saído de carro com um homem, o qual ele não conseguia identificar. Júlio não lembrava de tal rosto e, ainda por cima, a qualidade das imagens das câmeras não estava muito boa, as lentes aparentavam estar embaçadas.

Ele buscava ao máximo reconhecer o homem. Júlio tentava e tentava recordar-se e não conseguia. Olhava as imagens das câmeras de diferentes ângulos, porém sem muitos resultados. Júlio foi ficando cada vez mais preocupado com sua esposa, começou até imaginar que poderia se tratar de um sequestro.

Desse modo, Júlio decide ligar para a polícia:

– Bom dia, Polícia São José Noronha. O que o senhor deseja?

– Eu não consigo me lembrar muito bem, mas acho que aconteceu algo com minha esposa, por favor, envie imediatamente uma viatura para minha casa. Eu não tenho condições de fazer nada no meu atual estado.

– Calma, senhor, precisamos de mais informações. Primeiramente, me diga seu nome.

– Meu nome é Júlio.

– Ok, Júlio, agora nos conte detalhadamente do que o senhor necessita e seu endereço.

– Eu não consigo me recordar muito bem, acho que se trata do sequestro da minha esposa. Minha rua é algo como rua Arnaldo Santos An... An... tônio ou Andrade, não me lembro muito bem. Por favor, envie rápido a viatura. Minha casa fica próxima a uma banca de jornal.

– Tá certo, Júlio, iremos enviar nossos agentes o mais rápido possível. Conte a eles o que o senhor conseguir.

Quando Júlio ficava nervoso, sua memória piorava. Apesar de ele não se lembrar muito bem do endereço, a ligação já tinha sido rastreada. Em seguida, a viatura policial foi enviada para a casa de Júlio.

No caminho, a viatura foi seguida por um carro preto que, aparentemente, estava indo para o mesmo destino, mas, de repente, parou em uma farmácia.

Chegando à casa de Júlio, os policiais mandaram abrir a porta imediatamente. A porta, na realidade, já estava aberta. Ao entrarem, os policiais andaram pela grande casa e perceberam que, pelas fotos, Júlio já tinha prestado serviços à polícia há alguns anos.

Ao caminharem mais um pouquinho, finalmente encontram Júlio na cozinha em sua cadeira de rodas.

– Olá, Sr. Júlio, sou o Agente Steven e esse é meu companheiro Newton, ele é o detetive que me ajuda nas missões policiais. Vi que o senhor nos chamou para uma emergência sobre um possível sequestro de sua esposa. Poderia nos explicar melhor?

– Eu não consigo me lembrar muito bem, desculpe, de verdade, senhores. Mas, para ajudá-los, à sua direita está a sala das câmeras, tire suas próprias conclusões. Vocês poderão analisar melhor. Aliás, na mesa, estão uns óculos, sendo que eu e minha esposa não usamos, pode ser uma boa pista.

Os policiais foram checar. Newton chegou à possível conclusão de que realmente poderia se tratar de um sequestro, mesmo que a qualidade das imagens das câmeras não estivesse das melhores. Apesar disso, os agentes conseguiram anotar parte da placa do veículo que, curiosamente, parecia o mesmo carro que estava acompanhando a viatura e tinha parado na farmácia.

Em seguida, foram checar os óculos que estavam na mesa. Newton, como um bom detetive, utilizando luvas, colocou o objeto dentro de um plástico, com todos os cuidados possíveis. Os policiais já teriam feito seu trabalho e, a partir dali, foram em direção à saída.

No lado de fora da casa, Steven percebe que o mesmo carro, do suposto sequestro, estava se aproximando e para diante da casa. Atentos, os agentes já puxaram suas armas, pois, possivelmente, tinham achado o culpado. O sequestrador teria voltado à cena do crime, provavelmente, para apagar qualquer prova evidente. Os policiais mandaram o veículo parar:

– Saia do carro imediatamente! Você está preso por sequestro. – Disse Steven.

– Senhor policial? Como assim? Que sequestro, eu não sei de nada sobre isso, o senhor só pode estar confundindo.

– Não estou, tenho provas sobre o senhor. Você sequestrou a esposa de Júlio, a Maria.

– Não, senhor, a Maria está comigo, ela é amiga de trabalho. Aliás, ela se encontra aqui no carro.

O policial constata que Maria estava no banco do carona. Agente Steven não entende nada, mas Newton busca esclarecimentos.

– Ok, primeiramente me diga seu nome. – Exclamou Newton.

– Sou o Jonathan.

– Ok, Jonathan, agora me esclareça, por que você estava na casa de Júlio e por que ele disse que não sabia quem era você? Se trata de um possível relacionamento secreto?

– Nada disso, policial, eu sou Geriatria e Fisioterapeuta de Júlio, eu cuido dele desde o acidente que ele sofreu numa missão policial, que fez com que perdesse 70% do movimento das pernas e passasse a ter alguns esquecimentos.

– Certo, senhor, então por que Maria estava junto com você? E por que decidiu voltar para a casa de Júlio?

– A Maria trabalha no mesmo hospital que eu, o Hospital São José dos Santos. Ela é enfermeira e eu lá atendo meus pacientes. Porém, para atender a Júlio, prefiro vir à casa dele. E eu decidi voltar, pois eu percebi que tinha deixado meus óculos lá, já que saímos às pressas devido ao meu atraso para um compromisso. Mas, antes, paramos na farmácia para aproveitar e comprar logo os medicamentos de Júlio.

Depois do “minidepoimento” de Jonathan, que foi confirmado por Maria, os policiais começaram a entender melhor a situação e que realmente não se tratava de um sequestro. Tudo esclarecido, os policiais decidiram avisar a Júlio para deixá-lo aliviado.

Ao abrir a porta, Júlio tem uma bela surpresa. Lá estavam com os policiais, Maria e Jonathan. Imediatamente, Júlio ficou muito feliz e não acreditou que a reencontrou. Maria abraçou Júlio fortemente.

Essa foi uma manhã muito agitada. No entanto, foi só um mal-entendido. Tudo esclarecido, a rotina de todos foi retomada.

O sumiço de Chequira

Guilherme Dias da Silva

Moravam sozinhas na casa Cheroline e sua mãe. Certa manhã, Cheroline acordou às 09h30min e se deslocou para a cozinha. Chegando lá, deparou-se com a mesa já posta, chá ainda quente, jornal com noticiário e os óculos.

– De quem são esses óculos se ninguém aqui usa? – Questionou-se Cheroline.

Ela também percebeu a ausência de sua mãe, Dona Chequira. Como Cheroline é muito esperta, foi procurar a mãe por todos os cômodos. Enquanto procurava, Cheroline escutou alguém chamando.

– Dona Chequira! Dona Chequira!

– Quem é?

– É a Karina, Dona Chequira!

– Não é a Dona Chequira. Sou eu, a filha dela.

– Ah! Voz parecida a de vocês. E cadê a Dona Chequira? Oxi, ainda agora estive aqui para entregar uns produtos para sua mãe.

A mãe de Cheroline era cabeleireira e o salão era uma sala na frente de sua casa. Karina era uma revendedora de produtos de cabelo. Sempre passava nos salões da cidade para fazer as vendas e as entregas.

– Pois é, eu também queria saber – Respondeu afita a menina. Se for para deixar alguma coisa, eu posso pegar.

– Não! É que eu esqueci meus óculos. Acho que deixei em cima da mesa.

– Certo, vou pegar e já volto. Se quiser, pode entrar.

Já dentro da casa, a revendedora disse:

– Como assim, sua mãe sumiu?

Cheroline explicou a situação e pediu ajuda a revendedora. Com isso, Karina e Cheroline assumiram papel de detetive. Em busca de pistas pela casa, elas encontraram um chinelo.

– Eita! Um chinelo com número 48, como assim? Minha mãe não calça 48 e nem eu!

– Se esse chinelo não é da sua mãe nem seu, de quem será? Questionou apreensiva a revendedora.

– Não faço a mínima ideia – Respondeu Cheroline.

Como o chá ainda estava quente, era de se supor que a mãe de Cheroline não tinha sumido há muito tempo.

– Já tentou ligar para o celular de sua mãe?

– Boa ideia. Vou tentar!

Quando completou a chamada, ambas escutaram o telefone tocando. A filha ficou ainda mais apreensiva, pois sua mãe não costumava sair sem o celular.

– E agora? Perguntou Cheroline.

Já perto da mesa, Karina percebeu algo.

– Veja, há um pouco de sangue aqui na toalha da mesa.

– Acho melhor ligar para a polícia – Disse Cheroline já quase chorando.

De repente, Dona Chequira adentrou a casa com toda calma. E sua filha disse:

– Mãe! Onde você estava?

– Uai, fui atrás de Karina pra trocar o produto que veio errado.

– Mas como assim, Dona Chequira? Eu não lhe encontrei no caminho.

– É porque eu fui procurar você no salão da Flor e imaginei que você também faria entrega lá.

– Verdade. Não nos encontramos porque eu fui tomar um cafezinho na padaria.

– E aquele chinelo que não é da gente?

– Ele estava jogado na calçada, assim, resolvi reaproveitá-lo.

– E as manchas de sangue na toalha da mesa, Dona Chequira?

– Questionou Karina.

– Foram umas muriçocas que matei com as mãos.

Depois de tudo esclarecido, Cheroline respirou aliviada e pôde, finalmente, tomar o seu café da manhã.

Onde ela foi parar?

Guilherme Dias da Silva

Quem nunca se perguntou sobre o que tem na mochila de alguém? Principalmente se for uma estudante apreensiva, que só anda com as mãos nas alças da mochila como se escondesse algo.

Há muito tempo, existia uma menina chamada Ana, de 16 anos, que era muito desconfiada. Por conta disso, todos reparavam o seu rosto cheio de mistérios. Ela morava em uma cidadezinha do interior, pequena no tamanho, mas muito agitada, os moradores não tinham quietude, já que todos os dias os marginais aterrorizavam aquele lugar.

Com muito receio e preocupação, pois guardou um segredo dentro de sua bolsa, Ana saiu de casa às 12h para ir à escola. Andando pela rua, esbarrou em um homem estranho, vestindo um traje preto. Ele disse à jovem garota:

– Tenho te observado durante alguns dias. Por que, ultimamente, tu andas tão nervosa?

– Quem é você para estar me observando? Mas, só para não lhe deixar sem resposta: não lhe importa, apenas estou com temor dos últimos acontecimentos nessa cidade – Disse Ana, tentando disfarçar o nervosismo.

O homem misterioso não gostou da atitude da jovem audaciosa e ficou desconfiado de sua resposta. Logo, tentou tomar os pertences dela. Diante dessa atitude, Ana largou a sua bolsa no chão e desferiu um golpe contra aquele homem, o qual não sabia que ela lutava judô.

Ao se livrar da ameaça, sem esperar, Ana procurou a bolsa e não achou. Chegaram várias pessoas para ajudar a jovem e ela falou:

– Minha bolsa sumiu!

Ninguém entendia por que a menina estava tão desesperada, afinal era só uma mochila. Ana, por sua vez, estava apavorada pensando que seu grande segredo, que estava guardado nessa simples bolsa, poderia ser descoberto. Certamente, sua vida não seria a mesma se isso acontecesse.

A pessoa que a roubou não quis revelar o que estava escondido, mas, até hoje, Ana vive amedrontada.

Onde está Sofia?

Juliany Lavínia Continho Leite

Ainda estava com os olhos pesados, sonolenta, quando escuta um forte barulho vindo da cozinha, um grito, vidraças caindo, o agudo do forte arrastado de cadeira no chão.

– Sofia? Sofia?

Não houve resposta. Começa a ficar nervosa. Tenta abrir a porta, estava pesada. Empurra-a, não consegue abrir. A porta está trancada, como Lívia sempre a deixa. Não há tempo para procurar a chave certa no molho. O suor frio aumenta. Escuta a porta dos fundos se fechar. Sobe na cama, em cima dos travesseiros, tenta ver no basculante...

Que sonho estranho! Lívia, atordoada, se levanta, questionando a posição peculiar em que estava deitada em sua cama. Troca de roupa, escova os dentes, abre a porta com a chave certa... vai até a cozinha, que estava desolada. Não pôde acreditar na cena: cacos de vidro espalhados ao redor de uma cadeira caída no chão sujo com lama, com marca de sapatos esportivos, portas do armário escancaradas e nada de sua irmã. Realmente, tudo havia acontecido, mas como? O que aconteceu com Sofia?

Lívia liga para a polícia e informa o acontecido. É uma manhã chuvosa, cerca de 9h. Enviaram um oficial, um detetive, o Paterson, objetivo e prático.

– O que aconteceu aqui? – Pergunta o oficial.

– Minha irmã sumiu. Eu não sei bem o que aconteceu – Fala Lívia, relatando ao oficial o que havia escutado.

Vão até a cozinha, onde tudo havia acontecido. Em cima da mesa havia um maço de jornal, uns óculos, uma xícara de chá de

boldo que ainda estava quente. Lívia não tinha passado muito tempo no seu desmaio de desespero e não havia muito tempo do ocorrido.

– E essas coisas em cima da mesa? São da Sofia? – Pergunta o oficial para Lívia.

– Não, não são dela. Não usamos óculos, Sofia também não toma chá. Moramos, nesta casa, apenas eu e Sofia, como lhe falei. Nada disso é nosso.

Não se passava na mente de Lívia quem era o dono desses objetos, nada era familiar, a não ser a fita que prendia o maço de jornal, onde estava escrito “*Luna Journal* “. O oficial, com luvas, coleta os itens que estavam em cima da mesa e começa a analisar os armários.

– Penas sintéticas – Fala Paterson, pensativo. – Vocês usam roupas assim?

– Não. Nunca! Isso é a cara da vizinha – Lívia declara, ironicamente, mas sem pensar, até que se dá conta de que tinham uma suspeita: Verônica, a vizinha. Ela era uma mulher de uns 50 anos, sem estilo, arrogante. Para ler jornal impresso, só ela na sua breguice, com aqueles chapéus que soltam mais pelo do que seus gatos. Uma surpresa escolher óculos neutros. Verônica não suportava Sofia, por causa de umas fofocas de tempos atrás. Assim, vão até a casa da mulher.

– Senhora Verônica – Chama Paterson, batendo na porta.

– Ela está em casa, só tá se escondendo, com certeza, pode chamar! – Fala Lívia.

– Aqui é a polícia. Abra a porta, senhora! – Clamava o oficial. Senhora...

– Já estou indo! Tudo bem, policial? – Fala Verônica, com um ninho de passarinho na cabeça, ou melhor, o chapéu de penas,

as quais eram da mesma cor e modelo das que estavam espalhadas na casa de Sofia e Lívia.

– Cadê a Sofia? – Lívia diz.

– Por que eu deveria saber? Não tenho nada a ver com a vida dela – Retruca a vizinha.

Paterson começou a interrogar Verônica:

– Onde a senhora estava essa manhã?

– Em casa. Não saí de casa hoje – Responde Verônica.

– Ah, não! Já começou a mentir! – Interrompe Lívia.

– E o que me diz do seu chapéu? Soube que você está elaborando peças para a sua marca. É peça única? – Continua Paterson.

– Sim. Só trabalho com peças personalizadas únicas. O senhor está interessado? – Fala Verônica, convencida.

– Na verdade, encontrei essas penas idênticas as do chapéu que está usando, com o selo dessa sua marca, na casa dela – Diz Paterson, apontando para Lívia. O que tem a dizer sobre isso?

– Eu... Tá bom! Eu fui lá hoje de manhã. Que afobadas, hein? Chamar a polícia por causa de um copo de farinha. Com certeza foi a sua irmã, não foi?

– Farinha? – Fala Lívia.

– Sim. O que mais seria? Fui pegar um pouco de farinha emprestado. Como só havia Sofia conversando na porta e sei que você, Lívia, acorda só pra almoçar, preferi entrar pela porta dos fundos, que leva para a cozinha, e pegar a farinha por conta própria do que me humilhar para aquela garota! Achei que vocês não iam fazer conta disso dessa maneira! – Declara Verônica.

A vizinha ainda mostra que tinha ido comprar “uma farinha de boa qualidade”, porque a das meninas teria “estragado” o bolo

dela. De qualquer forma, mentiu, mas não era a culpada pelo desaparecimento de Sofia. A nota fiscal das compras mostrava que ela não estava em casa na hora do ocorrido. Paterson não se mostra muito interessado nessas “provas”, mas sim em outro detalhe:

– Você disse que viu Sofia conversando na porta de casa – Fala o policial.

– Sim. Ela estava conversando com um rapaz – Declara Verônica.

– Sabe nos dizer quem era? Ele estava com algum desses objetos? – Fala Paterson, mostrando o que havia coletado.

– Não sei quem era. Mal olhei para eles, já que não me interessava, mas, já que quer saber, pelo que vi, o rapaz era alto, ele estava usando esses óculos, vestido com um casaco preto, uma calça preta, uns tênis, daqueles das lojas famosas, sabe?

Os tênis que fizeram as marcas de lama na cozinha! Tudo estava a se encaixar.

– Ele também estava com esse maço de jornal na mão. A menina e esse rapaz pareciam se conhecer, mas não sei exatamente quem era, não pude ver o rosto muito bem, ele estava de costas – Diz Verônica.

Desta vez, a “falta de interesse” da vizinha estava sendo útil. Sem dúvida, o rapaz era o culpado. Quem é esse rapaz? Estamos perto de descobrir.

– Já sei como encontrá-lo. O jornal é de hoje, obviamente, ele foi comprado hoje. Lívia, você sabe onde fica o lugar em que esse jornal foi comprado, o *Luna Journal*, não é? – Diz o oficial, olhando para a fita da loja no maço.

Dessa forma, Lívia e Paterson vão para essa banca de artigos para leitura, num *Shopping Center* perto do bairro. Dessa vez, achariam

o culpado e, assim, Sofia.

– Bom dia, oficial! Bom dia, moça! O que desejam? – Fala o senhor Ernesto, dono da banca.

– Por acaso o senhor vendeu o jornal de hoje para um rapaz... – Paterson descreve o suspeito para o Ernesto.

– Sim... Esse rapaz vem comprar jornal aqui toda manhã, ele é um menino bom que faz parte de um projeto.

– Poderia nos dizer o nome dele? – Pergunta o oficial.

– É o Rodrigo, filho do Vegas Britto.

– O quê? O senhor tem certeza? – Fala Lívía, espantada.

– Sim. O conhecem? – Diz Ernesto.

– Ele é o noivo da Sofia! Não acredito! – Fala Lívía.

Tudo havia acontecido por causa de uma pessoa que, em poucos meses, iria ser parte da família!

– Você disse que não conhecia ninguém que usava óculos – Diz Paterson.

– E ele não usa, até onde eu sei, ou sabia, eu... Ele não estava viajando a trabalho? Faz 6 meses que ele não está aqui na cidade.

– Sim, mas ele chegou hoje – Fala o dono da banca.

Lívía fica sem ação. Como tudo podia ter acontecido? O que fazer? Ligar para alguém, relatando o acontecido. Primeiramente, para a sogra de Sofia.

– Lívía, estávamos tentando falar com você. Onde você está? – Fala Rodrigo, do celular de sua mãe.

– É ele, Paterson! Seu... onde está Sofia? – Diz Lívía, indignada.

– Lívía, você está bem? Onde você está? Eu estou com Sofia aqui na clínica Roberts.

– O que você fez com ela? – Fala Lívía, espantada. Não acredito! Eu escutei ela gritando, você...

– Lívía, Sofia caiu da cadeira quando foi pegar uma xícara e pratos no armário de cima. Como cheguei hoje, eu passei por lá para vê-la. Entrei pra tomar café com ela. Na hora que ela caiu, eu tinha ido no carro pegar minha mochila e quando cheguei ela estava desacordada por causa da queda, então trouxe ela pra clínica – Explica Rodrigo toda a situação.

Fazia todo o sentido; os armários abertos, os cacos de vidro no chão, o jornal na mesa e o chá de boldo (Rodrigo sempre teve preferências diferentes).

Assim, Lívía e Paterson vão para a clínica.

E os óculos? Em 6 meses, focado no trabalho, pode-se passar a usar óculos de leitura.

Então, foi um engano? Sofia está bem? Sem todo esse drama, sim.

Tinha tudo para dar certo!

Luís Gustavo Rodrigues da Silva

Eu me chamo Marcelo, sou policial e moro em um condomínio de prédios na zona sul, Leblon, Rio de Janeiro. No mesmo andar, moram a síndica, D. Cristina de 51 anos, Sr. Tunico que é casado com D. Margarete, Sr. Osvaldo, o irmão mais novo de Sr. Tunico e mais alguns moradores com quem não tenho intimidade.

Na tarde do dia 01 de janeiro de 2010, fui até o apartamento de Sr. Tunico e D. Margarete para lhes desejar feliz ano novo. Ao chegar lá, a esposa de Sr. Tunico estava muito preocupada e começou a me relatar que, quando acordou, ainda bem cedo da manhã, seu esposo já não estava mais deitado na cama do casal. Ela começou a procurar pela casa e não o achou. Quando chegou à sala de jantar, a mesa de madeira já estava com o desjejum posto, com uma xícara de chá que aparentava ainda estar quente, um jornal no chão e os óculos em cima da mesa, mas ela me garantiu que, naquela casa, nem ela nem o marido usavam óculos.

Falei com D. Cristina, a síndica, que achou tudo muito estranho. Então, fui junto com D. Margarete até a delegacia em que trabalho. Lá, registramos um boletim de ocorrência do desaparecimento do Sr. Tunico.

Passaram-se alguns dias e nada do paradeiro de Sr. Tunico. Já era por volta do dia 5 de janeiro de 2010 quando descobri que Sr. Tunico não se dava muito bem com um tal de Pedro desde um desentendimento entre os dois por conta de música alta no apartamento desse vizinho.

No mesmo dia, já era pela tarde, encontrei com Sr. Osvaldo no corredor e lhe perguntei sobre o desaparecimento de seu irmão.

Ele me aparentou nervosismo. Então, insisti mais um pouco na espera de ele revelar algo. Perguntei-lhe se desconfiava de algo ou de alguém que pudesse ter sequestrado seu irmão Tunico. Foi aí que ele disfarçou e entrou em seu apartamento. Como sou da polícia, também sou vizinho e estava de folga, desconfiei e passei a tarde observando se ele sairia dali e para onde iria.

Algumas horas depois, percebi que, finalmente, ele saiu de seu apartamento com chapéu e casaco em um dia em que não estava frio e levando uma mochila em suas costas. Notei que ele desceu pela escada. Tomando cuidado para não ser percebido, fui seguindo. Ao notar que ele sairia de carro, fui em direção ao meu, já na intenção de segui-lo.

Quando estava em uma avenida próxima, Osvaldo começou a dirigir em alta velocidade, creio que ele percebeu que eu estava o seguindo. Naquele dia, o movimento de carros não era baixo e, com um certo tempo de perseguição, o carro do Sr. Osvaldo acabou colidindo com outro veículo. Por causa disso, o trânsito parou.

Então, saí correndo do carro e fui até o Sr. Osvaldo. Logo percebi que ele estava mal, teria batido e machucado a cabeça, que estava a sangrar. Liguei para a ambulância às pressas, não poderia deixar que ele morresse sem dizer a verdade. Antes que a ambulância chegasse, pressionei para que ele me falasse tudo o que havia feito.

Falando com dificuldade por conta dos ferimentos, Sr. Osvaldo disse-me que, naquela manhã do primeiro dia do ano, foi até a casa do irmão e o convidou para dar um breve passeio perto da praia. Quando Sr. Tunico entrou no carro, ele travou as portas e o levou para um sítio que fica distante da cidade.

Seu plano era, depois que conquistasse D. Margarete, por quem era apaixonado desde a juventude, matar seu próprio irmão

e, em seguida, se apossar dos poucos bens deles. Osvaldo ainda afirmou seu arrependimento em não ter dado um fim de uma vez em seu irmão.

Quando ele me revelou tudo, exigi que me entregasse a chave da propriedade em que Sr. Tunico estava aprisionado e me dissesse em que lugar o sítio ficava para que assim eu pudesse libertá-lo. Assim Osvaldo fez, mesmo sem querer e com dificuldade de falar por conta do acidente.

A ambulância chegou a tempo, mas, no caminho para o hospital, o criminoso veio a óbito e não pôde pagar pelos seus crimes. O Sr. Tunico foi resgatado e assim pôde viver tranquilo junto a sua esposa novamente.

Um anjo a mais?⁴

Milene Bazarim

Amanheceu. Era uma linda quarta-feira de sol, Dona Maria acordou e seguiu para a realização de suas tarefas de rotina: acordar os três filhos – Marcelo de 11 anos que cursa a quarta série do primeiro grau, é bom aluno, só perdeu um ano; Márcia de 7 anos, que ainda está iniciando na escola e, finalmente, o caçula da família, Luizinho, de apenas 5 anos.

Depois de despertar as crianças e lhes dar o café da manhã, Dona Maria e seus dois filhos se preparam para sair. Luizinho fica sozinho em casa até os dois irmãos mais velhos retornarem da escola. Como é separada do marido, ela tem que trabalhar para garantir o sustento da família.

Dona Maria sai do seu barraco, que fica na comunidade Morro da Paz, com dois de seus filhos, os quais ela acompanha até a entrada do colégio.

A comunidade Morro da Paz vive estampando as manchetes dos jornais, sendo amplamente conhecida pela violência. Toda noite lá há um toque de recolher. Após às 22h, na rua mesmo só quem vende ou compra drogas.

Assim que deixa os filhos na escola, Dona Maria segue para o seu trabalho, porém vai com o coração apertado, já que o seu caçula fica em casa sujeito a todos os perigos que aquela região pode trazer.

O lugar onde trabalha, uma loja de eletrodomésticos, fica

4 Esse conto foi inicialmente produzido em contexto escolar quando estava cursando a 8ª. série (atual 9º. ano) do Ensino Fundamental. A produção foi revisada em 2021 com a participação dos alunos do 9º. ano do Colégio Moderno João XXIII.

mais ao centro da cidade, aproximadamente a meia hora de ônibus. O salário de faxineira é o suficiente para sustentar a família juntamente com a pensão alimentícia que recebe do ex-marido.

Um pouco antes das 10h da manhã, um momento de apreensão. Pelo plantão do jornal diário, Dona Maria acompanha a notícia de que a polícia invadiu a comunidade do Morro da Paz e que o tiroteio é intenso.

Toda vez que acontecia uma operação policial no morro, era um drama, pessoas correndo apavoradas, tiros para todos os lados. Houve, por parte de Dona Maria, um certo pânico, mas logo o gerente da loja a acalmou, pois não era a primeira vez que havia esse tipo de ação da polícia nas proximidades do seu barraco.

De repente, mais uma vez a programação da TV é interrompida e o plantão entra no ar. Nesse momento, é dada uma notícia trágica. A legenda diz: “Criança gravemente ferida por bala perdida durante operação no Morro da Paz”.

Assim que vê a legenda estampada em diversos tamanhos nas várias televisões da loja, Dona Maria imediatamente abandona seu trabalho e sai em desespero. Nunca o ônibus tinha demorado tanto a passar nem o caminho havia lhe parecido tão longo.

Ao chegar a sua casa, Dona Maria pôde constatar que, a partir de agora, só possuía dois filhos.

Sobre as organizadoras

Milene Bazarim

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2002). Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Braz Cubas (2004). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2006). Doutoranda em Ciência da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Possui experiência como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica. Atualmente, é professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Desenvolve pesquisa no campo de investigação da Linguística Aplicada, com ênfase no processo de ensino e aprendizagem da escrita, didatização e correção de texto. E-mail: milene.bazarim@gmail.com

Aliny de Angelys Silva Lima

Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (2020). Residente em Educação Docente de Língua Portuguesa pela UEPB em parceria com a CAPES. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa na Educação Básica. Desenvolve pesquisas no âmbito da Sociolinguística e Análise do Discurso. E-mail: profangelys@gmail.com

Iara Francisca Araújo Cavalcanti

Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (1992). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba - Campina Grande (1995). Mestre em Ciências da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (1999). Doutora

em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2015). Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba, na qual também coordena o curso de Letras - Português. Desenvolve pesquisas no campo de investigação da Linguística Aplicada, com ênfase na formação de professores de línguas - Estágio Supervisionado; Letramento. E-mail: iaraupeb@hotmail.com

Aliny Angelys

Rodoviária, 34

Andreia Millena Ribeiro Dantas Dias

Uma bela boneca, 40

A suspeita casa do Sr. José, 47

Arthur da Silva Marculino

Lembrança querida, 23

O dinheiro compra tudo? 27

A mochila misteriosa, 45

O enigma dos óculos, 68

Eduardo Meneses Ferreira

O conto de Spiderwick, 65

Guilherme Dias da Silva

O dinheiro salva vidas? 30

O que uma fofoca pode causar? 33

O sumiço de Chequira, 90

Onde ela foi parar? 93

Juliany Lavínia Coutinho Leite

Lembranças da boa infância, 25

O que é mais valioso? 32

A mochila do coronel, 42

Onde está Sofia, 95

Kalil Fabrício da Silva

O dinheiro, será que é tudo? 31

Um trauma da infância, 39

- O segredo da mochila, 78
O segredo dos irmãos Souza, 81

Karen Priscila Souza de Carvalho

- O dia inesquecível, 26
O dinheiro não é tudo! 29
O que havia na mochila, 72

Luís Gustavo Rodrigues da Silva

- As pequenas coisas, 18
Um ano novo, 36
Lancheira da sorte, 63
Tinha tudo para dar certo! 101

Maria Bianca Rodrigues Macedo

- A felicidade mora na simplicidade, 14
Um dia de férias, 37
Em busca da cura, 60

Milene Bazarim

- Jovem, um bicho revoltado? 19
Crime na casa sete, 50
Um anjo a mais? 104

Samuel de Sousa Veiga

- A viagem ao museu de répteis, 16
O dinheiro é tudo na vida? 28
O segredo da família Kindel, 74
O sequestro na casa gigante, 85